BLACK SABBATH PAUL KOSSOFF SÉRGIO DIAS ELP

número 11 - março/abril 2006 - R$5,00

poeira Zine

o melhor da música do melhor dos tempos

www.poeirazine.com

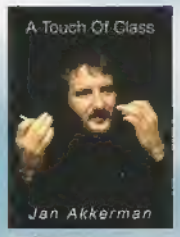
LSD

Marcos Lisérgicos da Cultura Pop

Beatles, Hendrix, Who, Floyd, Stones, Airplane, Byrds, Doors, Beach Boys, Dead, Mutantes e muitos outros que transformaram a música em arte

Incluindo: 20 canções clássicas para fritar seus neurônios

Bill Bruford and Tim Garland
Earthworks Underground Orchestra
BBSF013CD



Jan Akkerman
A Touch of Class
VPDVD17

The Crimson Jazz Trio
King Crimson Songbook Vol 1
VP373CD

VOICEPRINT
THE BEST MUSIC YOU NEVER HEARD
www.voiceprint.com.br

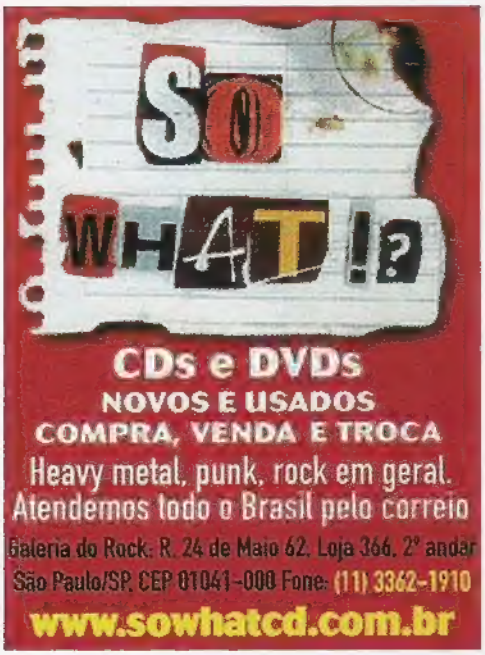
ROCK • FOLK • PROGRESSIVE • JAZZ
PSYCHEDELIA • HARD ROCK • BLUES
Mountain, Anthony Phillips, Hawkwind,
Gentle Giant, Peter Hammill, Gong

info@voiceprint.com.br
Tel / Fax +55 (0) 11 5533 5908
Caixa Postal 18295, São Paulo, SP, 04626-970

Snowy White
The Way It Is Live
VPDVD32

Leslie West
Theme
VP380CD

The Fellowship (Jon Anderson)
In Fiven Lands
VP378CD



CDs e DVDs
NOVOS E USADOS
COMPRA, VENDA E TROCA
Heavy metal, punk, rock em geral.
Atendemos todo o Brasil pelo correio
Galeria do Rock: R. 24 de Maio 62, Loja 366, 2º andar
São Paulo/SP, CEP 01041-000 Fone: (11) 3362-1910
www.sowhatcd.com.br

www.kingcrimson.com.br
O único site brasileiro dedicado ao Rei Escarlate

História do grupo - Discografia comentada - Letras traduzidas - Fotos
Ouça álbuns dos integrantes - Assista shows completos - Salas de bate papo

13 ANOS DE PERSONALIDADE,
BLUES E ROCK 'N ROLL.
Av. Andrade Neves, 2042 - Campinas - SP
F: (19) 3242-8166 / www.deltabluesbar.com.br

mister sebo

CDs - LPs - DVDs - livros e revistas de música - quadrinhos
compra - venda - troca

tel: (11) 5506-2534 mistersebo@gmail.com

r. guararapes, 1616 - brooklin novo - são paulo - sp

DUNNO CDs & DVDs

Clássicos do Rock - Progressivo
Blues - Jazz - Guitarristas

(11) 3337- 0322

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 371 - 2º andar - São Paulo - SP
www.dunno.kit.net

Sebo São Paulo

Paulo/Gabriel

Compra e venda
Cd's Lp's Livros Afins

Rua Taquari, 35 A Mooca São Paulo - SP

sebosaopaulo@bol.com.br Tel.: 6693:0664

Jardim Elétrico

CDs & LPs

www.jardimeletricodiscos.com.br

Compra - Venda - Troca

Fone: (11) 3331-7937

Galeria do Rock
Rua 24 de Maio, 62 - Loja 284 - 1º andar - São Paulo - SP

PENNY LANE DISCOS

www.pennylane.com.br cd@pennylane.com.br

Psicodélico - Rock Progressivo - Folk - Rock - Blues - Jazz - Hard
LP's - CD's - DVD's / Novos e Usados

Rua Corrêa Dutra, 99, Loja 5, Catete, Rio de Janeiro/RJ
Tels: (21) 2225-7348 e 2285-4833 Fax: (21) 2225-7347

STONED DISCOS

POA - RS

Raros e Importados
Compra - Vende - Troca

LP's / CD's / Vídeos
DVD's e Livros

Rua Mal. Floriano Peixoto, 371 - Porto Alegre - RS
Fone/Fax: (51) 3225-5136 - stonedcd@terra.com.br

MECHANIX CDs

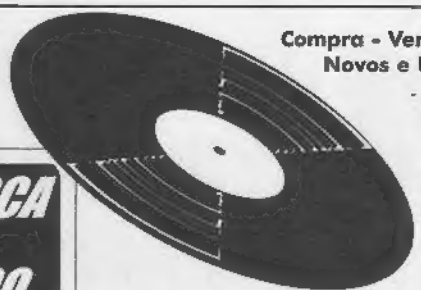
Compra, Venda e Troca

fone: (11) 3223-8101

Galeria do Rock
Rua 24 de maio, 62 - 1º andar - Loja 252
São Paulo - SP - CEP:01041-000
e-mail: robsonse@terra.com.br

LPs
CDs
DVDs

Compra - Venda - Troca
Novos e Usados



BOCA DO DISCO

bocadodisco@yahoo.com.br
Fones: (51) 3228-7053 / 3028-1063 - Fax: (51) 3028-0753

Rua Marechal Floriano Peixoto, 474 - Porto Alegre - RS

SEBO JAZZ & BLUES

LPs - CDs - DVDs - Camisetas - Fitas de Vídeo
Compra Venda e Troca / Novos e Usados / Todos os Estilos
Atacado e Varejo

Rua Teodoro Sampaio, 1071 (em frente a Pça. Benedito Calixto)
www.jazzblues.com.br - São Paulo - SP - Tel: (11) 3088-237

Turn On my friends...

É isso aí galera! Como dizia Timothy Leary o lance é 'se ligar' nessa nova edição da poeira Zine!

Depois de muitos pedidos sacamos da manga uma edição psicodélica. Os motivos eram diversos e numerosos para se fazer uma matéria de capa sobre o assunto...100 anos de vida do inventor do LSD, Albert Hofmann, a possibilidade de sacar a influência desse componente nas geniais mentes de ícones do rock dos anos 60, e até o papo franco sobre o assunto com o mutante Sérgio Dias.

Nesse mês está sendo completado 30 anos da morte do genial Paul Kossoff, o lendário guitarrista do Free e aqui na pZ você tem uma geral sobre a carreira desse músico excepcional. Outro destaque é o especial sobre o Black Sabbath, trazendo todos os altos e baixos da fase Born Again, onde Ian Gillan segurava com primor os vocais do grupo. Curiosidades, alguns desentendimentos, peso absurdo e casos dignos de um Spinal Tap nesse período do velho e glorioso Sabbath.

Falando em comemorações, em fevereiro a poeira Zine completou três anos! A alegria é imensa de estar firmando cada vez mais a divulgação da boa música em um país tão carente desses fundamentos. Obrigado a todos vocês que vem me acompanhando nessa aventura maravilhosa...

Um ótimo ano repleto de alegria, paz e música.

Bento Araújo

poeira Zine

www.poeirazine.com

Bento Araújo nasceu em 1976, é jornalista profissional e adora a música dos anos 60 e 70. É o editor da poeira Zine: escreve os textos, faz a diagramação, cuida da arte, do visual, faz "a social" com os anunciantes, distribui, faz correio, banco, responde os e-mails e as cartas e também limpa o banheiro da redação. Além de tudo isso, o cara ainda tira uma onda tocando contra-baixo pela noite paulistana, além de vez ou outra fazer um "bico" em alguma loja de discos em troca de raridades vinílicas. O Editor também oferece seus serviços jornalísticos e musicais a quem se interessar...

Editor e Jornalista Responsável :
Bento Araújo MTB 38344

Para saber mais sobre números atrasados, anúncios, assinaturas, pontos de venda e distribuição:
poeira Zine On Line:
www.poeirazine.com

E-Mail: contato@poeirazine.com
Tel.: (11) 9526-7947

Caixa Postal 12089
CEP 02013-970
São Paulo - SP - Brasil

Todas as matérias são de autoria do editor, exceto as indicadas.
As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores. Não refletindo portanto a opinião do editor.
Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio, sem a prévia autorização por escrito do editor.
Números atrasados, ao preço de capa da última edição, pelo www.poeirazine.com

poeira Zine - ano IV - número 11
março/abril/maio de 2006

Colaboraram nesta edição: Marcelo Spindola Bacha, Ricardo Alpendre, Rodrigo Piza, Rodrigo Werneck e Yuri Garin.
Capa: Carol Penna e Bento Araújo
Revisão de textos: Patrícia Grillo
Fotos: Divulgação e Reprodução.

Ummagumma
o seu fórum de discussão sobre progressivo
www.ummagumma-forum.com

WWW.RARIDADEDISCOS.COM.BR
Fone: 41-3223-0316
Curitiba/Paraná

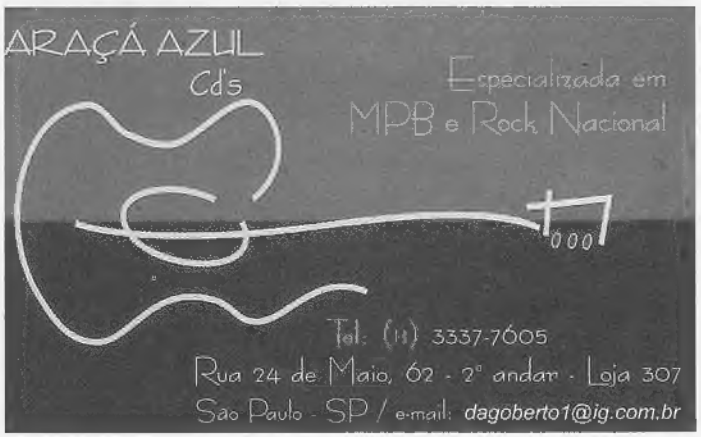
Cactus Records
LP's - CD's - DVD's
Novos e Usados
COMPRA VENDA E TROCA
TEL: (11) 3331-5321
cactusrec@uol.com.br
Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar/ Sala 281/ São Paulo

MUSEU DO VINIL
LP'S e CD's
telefones: 5062 6387 / 6915 8456
Rua Cisplatina, 502 - Ipiranga - São Paulo - SP

RELICS DISCOS
CD's - LP's - DVD's
Novos e Usados
www.relicsdiscos.com.br
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Box 310
São Paulo - SP - CEP: 01041-000 - Fone/Fax: 3223-1602

opus discos
Vinil e CD's
Compra, Venda, Troca e Consignação
opus46@bol.com.br
Atendemos todo o Brasil via correio
Pç. Osorio, 333, lj. 46, gal. do Comércio - Curitiba/PR - F: 41-233-2583

PHONO70 CDS
NOVOS E USADOS / COMPRA, TROCA E VENDA
Galeria do Rock - RUA 24 DE MAIO 62 / AV. SÃO JOÃO 439
LOJA 273 - TEL. (11) 3362-1079 - SÃO PAULO - SP



MAFER Records
dansilmafer@uol.com.br
Compra, Venda e Troca de LPs
Rock - MPB - Bossa - Jazz - Psych
Tel:(11) 3159-3527
Galeria Nova Barão - Rua 7 de Abril, 154
(Rua Alta, loja 28) - CEP: 01044-000 - São Paulo/SP

rolou e foi bom!

shows que rolaram por aí...

The Rolling Stones

Praia de Copacabana (RJ) – 18/02/2006

Contar para os netos? Com certeza, afinal de contas não é sempre que a gente faz parte de um recorde mundial...

Seria completamente sem graça se o show tivesse sido mediano ou se a banda fosse outra senão as pedras rolantes. Quem falou que Deus é brasileiro não foi Mick Jagger, mas sim Bono Vox, do U2, no show de Sampa, porém, uma coisa posso garantir: nós temos sorte...

Conhecido mundialmente como o país do samba e do futebol, nós do rock n' roll demos um belo golpe, vencemos por nocaute. Pelo menos por duas horas o Brasil foi o país do Rock n' Roll.

Está também mais do que certo que muita gente que estava entre essa histórica platéia de 1.200.000 pessoas (que exagero!) nas areias de Copacabana para ver os Stones, não era pessoal letrado em rock. Mas isso realmente importa?

O que importa é o calor e a energia emanada daquele palco quando Keith Richards puxou o riff de "Jumpin' Jack Flash" logo de cara. Comecei a sentir um calor e um alto astral praticamente indescritível. Se você estava lá você sabe do que estou falando.

A quantidade absurda de pessoas prestando atenção e vibrando pela mesma coisa, pelo nosso santificado e abençoado rock e a sensação de ser o centro do mundo por aquelas próximas duas horas de energia juvenil vindo de caras sessentões foi demais para a moringa.

Gringos, famílias completas, idosos, profissionais da noite, sambistas, globais intocáveis na área vip, ambulantes aos milhões, muita moçada bonita e descontraída, sim, eram os Stones ao vivo e de graça em pleno verão carioca!

Incrível como o Rio de Janeiro incorporou o espírito rocker naquele dia. Era comum ver rodas de capoeira com o pessoal jogando vestidos com camisetas da banda e tocando clássicos do grupo no berimbau. Rodas de samba com pessoas cantando músicas dos Stones com cuíca e tamborim. Não precisa nem dizer que os gringos piravam...

Tudo ajudou, desde o dia ensolarado, despedida do nosso horário de verão, fazendo a noite quente mais longa, com duas 'meia-noites' pra gente curtir ainda mais aquele astral todo.

A cidade parou. No dia do show não se chegava mais de carro. Só de navio, helicóptero ou à pé. E para quem anunciou um Altamont versão 2006 quebrou a cara. Tudo mimo numa boa.

A abertura levou os stonemaníacos às lágrimas: "Jumpin Jack Flash", "Its Only R n' R But I Like It", "You Got Me Rockin'" e "Tumblin' Dice". Outras agradáveis surpresas foram "Wild Horses" (emocionante), "Night Time is the Right Time" (homenagem a Ray Charles) e "Get Off My Cloud". A conexão dos Stones com o Brasil era palpável durante todo o show, porém com "Honk Tonk Woman" (composta aqui na cidade de Matão, em 1969) e "Sympathy For The Devil" o caldo ferveu e deu orgulho de ser brasileiro.

Ali em frente ao Copacabana Palace, local que Mick e Keith conhecem desde 1968, o show foi encerrado com "(I Can't Get No) Satisfaction", já um hino nacional. Por mais que você esteja cansado dela e não aguenta mais ouvir tal riff, ao vivo e naquelas circunstâncias o papo é outro. Não se falava em outra coisa por todo o país. Quer prova maior do impacto do show? Até meus avós assistiram o show inteiro pela TV e elogiaram as peripécias de Jagger, Richards, Wood, Watts e companhia...Que o rock não tem idade, isso todo mundo já constatou. Incrível mesmo é sacar que os Stones são uma banda imortal. E que existirão para sempre. Alguém duvida?

Agradecimentos especiais ao grande amigo Daniel Zan, que facilitou (e muito!) a cobertura desse show!

Lizzy Sessions

mundo bolha

Pode parecer lorota, mas é verdade! Há 10 anos rola em Niterói (RJ) uma convenção anual de fãs do Thin Lizzy! Como a capa de nossa penúltima edição era justamente a banda irlandesa, não poderíamos ficar de fora e fomos conferir 'in loco' as homenagens dos cariocas para o grande Phil Lynott. A festa toda é organizada por Luiz Galvão e outros fanáticos pelo Lizzy. Você paga uma entrada que te dá direito a uma camiseta, um livro, um CD duplo e comida e bebida a vontade. São exibidos shows, clipes e documentários no telão e rola também uma exposição com discos raros, memorabilia e cartas de Philomena Lynott (mãe de Phil), que reconhece a Lizzy Sessions como uma comemoração oficial.

A emoção toma conta da galera que sabe cada detalhe da vida de Phil Lynott na ponta da língua e cada riff das guitarras na ponta dos dedos. Parabéns ao Galvão, a todos os organizadores e participantes dessa festa que vem difundindo a música do Thin Lizzy através de todos esses anos!

Falando em cartas da Philomena Lynott, recebi um belo postal dessa gentil senhora, que agradeceu pela capa de nossa penúltima edição (veja abaixo o postal, contendo inclusive o selo comemorativo do Phil Lynott). Emocionante!

Lizzy News:

O Thin Lizzy de Sykes e Gorham está planejando uma tour de 20 datas pela Europa em celebração aos 20 anos da morte de Phil Lynott.

#Nesse ano começa a ser rodado em Dublin um longa metragem baseado na vida de Lynott e no livro *My Boy*, de autoria da mãe do Rocker. Gary Dourdan, da série de TV *Crime Scene Investigation*, interpreta o lendário frontman da banda irlandesa na telona.

A Eagle Vision lançará no fim desse mês um DVD contendo o show tributo a Lynott realizado por Gary Moore em agosto último. *Gary Moore & Friends - One Night In Dublin* conta também com canjas especiais de Scott Gorham, Brian Downey, Brian Robertson e Eric Bell.

Caricatura em Homenagem a Paul Kossoff

Esse desenho bacana surgiu de um papo com meu amigo Bira Dantas, que é cartunista e fanático por Blues. Comentei com ele que nessa edição a pZ iria trazer uma homenagem ao guitarrista do Free. No mesmo papo, lembramos que Kossoff era apaixonado pela música de B.B. e Freddie King. Pouco tempo depois o Bira me mandou esse trabalho altamente profissional.

O Bira faz caricaturas de bandas, charges e cartuns. Faz também ilustrações para capas de CD, revistas e fanzines. Suas caricaturas musicais podem ser conferidas no endereço: www.rabisqueira.blogger.com.br

Quem quizer entrar em contato com ele: biradantas@globo.com ou pelo fone: (19) 3236.4418

Antes da Fama
Ronnie & The Prophets

Do que se trata?

É uma das primeiras bandas de Ronnie James Dio (seu verdadeiro nome: Ronald James Padavona), que trazia além dele no baixo e vocais, Dick Bottoff na guitarra, Nick Pantas na guitarra e Tom Rogers na bateria. Muitos que começaram a curtir o Dio em sua carreira solo nos anos 80, ou mesmo no Rainbow e no Sabbath, nem imaginam que desde 1957 (!) ele vem atuando no ramo musical. Longe de ser um simples vocalista, Dio já tocou baixo, trompete e piano e gravou discos e compactos no melhor estilo Doo Wop, Soul, R&b, Pop e Rockabilly.

Como começou tudo?

Em 1957, Ronnie James Dio e o guitarrista Nick Pantas formaram o The Vegas Kings. Depois mudaram o nome para Ronnie and The Humblers, depois Ronnie and The Red Caps e por último Ronnie Dio and The Prophets.

E o Som?

Era aquela coisa meio brega-romântica do final dos anos 50 / início dos 60. Então não espere ouvir algo como "Holy Diver" ou "The Last In Line". Dio e seus profetas compunham temas próprios e executavam standarts da música pop, rock e soul da época, como "I Left My Heart In San Francisco", "Red Top", "Great Balls Of Fire", "The Way Of Love" e "Say You're Mine Again".

O que aconteceu depois?

A banda durou até o outono de 1967. Dio e Pantas seguiram em frente e formaram o The Electric Elves, que depois encurtou o nome para The Elves. Tudo acabou em 1970, depois da morte de Nick Pantas em um trágico acidente automobilístico envolvendo toda a banda.

Curiosidades do período

Dio tinha verdadeira adoração pelas bandas vocais femininas produzidas pelo lendário Phil Spector, como as Ronnetes. Não é à toa que várias gravações dos Prophets contam com backing vocals femininos.

Onde eu acho?

A banda lançou muitos compactos, porém LP apenas um: *Dio At Domino's*, gravado ao vivo no Domino's Restaurant (isso mesmo, em um restaurante!), Cortland, NY, USA, em 24 de fevereiro de 1963.

LISTA DO BOLHA

Já que bolha não vive sem lista, que tal mais essa:

VICTOR OU VICTORIA? OS ROQUEIROS QUE AGORA SÃO ROQUEIRAS

01 – David Palmer (Ex-integrante do Jethro Tull que agora atende pelo nome de 'Dee'. Fez operação para mudar de sexo e abandonou a barba e o caximbo)

02 – Wayne County (Herói da cena punk de NY, mudou de sexo e virou Jayne County. Foi inspiração para o hilário filme *Hedwig – Rock, Amor e Traição*)

03 – Mark Free (Era vocalista da banda farofa King Cobra. Hoje atende pelo nome de 'Marcy' e trabalha em banco. Carmine Appice, que era seu companheiro de banda, não seguiu o mesmo caminho, apesar de posar para algumas fotos ostentando visual duvidoso)

04 – Walter Carlos (engenheiro de gravação, músico e compositor entusiasta dos sintetizadores. Mudou de sexo em 1967 (foi um dos pioneiros na operação) mas por questões de contrato precisou manter segredo até 1979, quando emergiu como Wendy Carlos. Sua trilha de Laranja Mecânica marcou época)

05 – Genesis P Orridge (Era líder da banda inglesa Throbbing Gristle. Implantou seios e mudou de sexo)

David Palmer antes e depois

ALGUNS FICARAM BEM VESTIDOS DE MULHER

Mick Jagger (andrógino por natureza, se saiu bem tanto na capa do compacto de *Have Seen Your Mother, Baby?* como no filme *Performance*)

David Bowie (ou você vai falar que a capa de *The Man Who Sold the World* não ficou legal? Boys Keep Swinging darlin'...)

Roger Taylor (ficou melhor sendo uma garota, parecendo a Britney Spears no clip de "I Want To Break Free")

David Johansen (andava impecável no New York Dolls)

OUTROS NEM TANTO...

Frank Zappa (o narigudo vestido de colegial na capa de *We're Only in it for the Money* é dose. Chuquinhas e bigode não combinam)

Elton John (para comemorar seu 50º aniversário se vestiu como Maria Antonieta. Não convenceu)

Keith Moon (se vestiu de freira no filme *200 Motels* de Zappa. Bizarro!)

Twisted Sister (Dee Snider assustador de batom! O baixista Mark "The Animal" Mendoza então, cruz credo! Só perdem talvez para o Robertinho de Recife fase Metal Mania)

Bon Scott (se apresentou com o AC/DC vestido de colegial em um programa de TV. Medonho!)

mundo bolha

breves curiosidades sobre o mundo do qual fazemos parte

alive and kickin

Dia 06 de abril acontece a segunda edição da poeira Zine Fest. A data é também uma comemoração dos três anos de atividade da poeira Zine, a única publicação do país totalmente dedicada aos bons sons. A noite será de homenagem ao guitarrista Paul Kossoff, que morreu à exatos 30 anos. A banda Rock N' Roll Soul (que fez um tributo ao Mountain na primeira edição da festa) apresentará canções do Free e da carreira solo de Koss.
Na mesma noite a banda Born Again homenageia o Black Sabbath! Clássicos da fase Ozzy e Dio se alternam com a execução (na íntegra!) do álbum Born Again, o único gravado com Ian Gillan nos vocais!
Além dos dois shows imperdíveis, rola muita raridade no telão, sorteio de CDs, camisetas e assinaturas da pZ.
06 de abril no Café Piu Piu (SP)
Rua 13 de maio, 134
A partir das 22:00 horas.

Depois de um hiato de dez anos, o lendário festival britânico Monsters Of Rock está de volta! A festa rola dia 03 de junho no Milton Keynes Bowl, Londres. Os headliners já foram escolhidos: Alice Cooper e Deep Purple. Ian Gillan já havia participado do festival em 1982, com sua própria banda. Mr. Roger Glover esteve presente com o Rainbow, na primeira edição de 1980 e Ian Paice com o Whitesnake, em 1981, porém será a primeira vez que o Deep Purple se apresenta no Monsters inglês. Antes tarde do que nunca...

Também em junho, só que na Suécia, rola o Sweden Rock Festival. Journey, Deep Purple, Celtic Frost e Krokus estão entre as bandas principais. O destaque maior fica por conta de um show especial do Cactus! Sim! Isso mesmo! Os caras voltaram depois de 34 anos! A formação atual conta com Carmine Appice, Tim Bogert, Jim McCarty e Peter French (que está no lugar do falecido Rusty Day) Vale lembrar que French já tinha cantado no Cactus e gravou o álbum Ot N' Sweaty. O cara também passou pelo Atomic Rooster e pelo Leafhound. O Cactus está gravando material inédito em estúdio para um possível new release!

"Temos planos de visitar os EUA, Europa, Japão, Austrália e América do Sul este ano!". Quem garante é Bill Curbishley, manager do The Who. Datas serão anunciadas em junho e um álbum de inéditas está prometido para o final do ano.

O sempre insano (graças a Deus) Iggy Pop ensurdeceu os fãs suíços. No Blue Balls Festival, Iggy e os Stooges romperam a barreira dos 100 decibéis, que é o que a rigorosa lei local permite. Resultado: os organizadores levaram uma multa de 1,500 francos suíços (cerca de 4.000 reais)! Aproveitando: saiu na Revista Trip uma entrevista exclusiva e imperdível do mestre Iggy no Brasil! O cara além de ser capa, foi o garoto propaganda da revista e figurou em outdoors por toda a cidade, naquela sua tradicional pose "Cristo-decadente". É viver para crer!

Estamos organizando a primeira enquete da pZ. O tema são os melhores discos ao vivo da história do Rock! Mande sua lista (com 10 discos no máximo) pra gente! Pode ser por e-mail ou por carta escrita. O resultado será publicado aqui na pZ!

Falando em Jams, rolou mês passado um show em LA onde Roger Daltrey se juntou ao Cheap Trick para tocar "Dream Police" e "Summertime Blues". O show terminou com Daltrey elogiando o volume infernal do Cheap Trick ao vivo e com Robin Zander e Rick Nielsen se ajoelhando diante de Daltrey e o saldando como a dupla do Wayne's World costumava fazer! "We're not Worthy!"

As homenagens continuam mundo afora...Depois de Phil Lynott ser homenageado com uma estátua em Dublin, Lee Brilleaux, (Dr. Feelgood) foi honrado com uma placa e um banco de bronze em Manhattan. Agora é a vez de Bon Scott. Os fãs australianos de Bon estão insistindo bastante com as autoridades locais para que uma estátua seja erguida em homenagem ao frontman eterno do AC/DC.

"Achados e Perdidos - Tributo Valvulado aos anos 70". Ótima iniciativa da Válvula Discos! No site do selo, o pessoal disponibilizou gratuitamente clássicos do Rock setentista interpretados por 27 bandas da cena independente nacional. No repertório versões de bandas como Budgie, Humble Pie, Sweet, Buffalo, Grand Funk, Bixo da Seda, Mutantes e Módulo 1000. A banda do editor da pZ (Rock 'n' Roll Soul) comparece com a versão de Mississipi Queen do Mountain. www.valvuladiscos.com

Capas Históricas

a história que somente uma capa maravilhosa pode contar...

Emerson Lake & Palmer
Brain Salad Surgery

Lançamento: 1973 - Design: Fabio Nicoli - Pintura: H.R.Giger

Assustadora, mórbida, futurista, glacial, impactante ou simplesmente bela? Talvez um pouco disso tudo. A capa de *Brain Salad Surgery* se tornou uma das mais estilosas do Rock Progressivo.

Um crânio com lábios sedutores e o que viria a se tornar o tradicional logo do ELP. Cenário enigmático e horripilante.

Uma das melhores sacadas da capa é o fato do ouvinte poder abri-la na metade, como se estivesse adentrando na música do trio inglês. Na parte interior o choque ainda é maior com o belo rosto feminino em cores pálidas, exibindo um cabelo metálico, em espiral, assemelhando-se a uma medusa futurista. Destaque para a vivacidade do desenho. Parece que a qualquer instante aquela bela mulher irá abrir os olhos...

H.R. Giger é um artista-ícone de nossa época. Nascido na Suíça em 1949, Giger tinha incessantes pesadelos quando era criança e a partir dessas experiências nada agradáveis começou a pintar na adolescência, passando seus sonhos para as telas. Na virada dos anos 60 para os 70 o artista criava influenciado por drogas alucinógenas e ouvia muito Miles Davis e David Bowie. Em algumas ocasiões ficava trabalhando por dias em jejum, completamente possuído e paranóico pela arte que fluía de sua mente.

Keith Emerson era fã dos trabalhos de Giger e pediu para um promotor de shows suíço (que agendava shows do ELP) entrar em contato com o artista e pedir que ele providenciasse a capa para o novo álbum do grupo. Giger ficou surpreso e mostrou o desenho para Emerson que aprovou imediatamente.

Somente quando a capa foi para a impressão que alguém da gravadora tachou-a de pornográfica e de sugerir sexo oral. A pintura original continha um pênis que quase alcançava o queixo da mulher. Giger não gostou muito da caretice, mas acabou cedendo e transformou o pênis em um raio de luz, o que deixou a capa com charmosos toques subliminares.

Mas Giger ficou puto mesmo quando recebeu uma cópia do álbum e viu que todas as cores que ele havia utilizado na pintura original foram perdidas. Ninguém lhe enviou as provas de impressão e, segundo o autor, a pintura perdeu muita força e impacto. Pra piorar, de país para país as cores iam mudando ainda mais (a versão nacional da época, lançada pela Continental, é medonha!).

Giger continuou sempre no topo e suas obras valem hoje milhões de dólares. Fez capas para outros artistas (Debbie Harry, Danzig, etc.) e contribuiu com suas criaturas futuristas para o cinema de horror e ficção como nos filmes Alien e Poltergeist.

Além da capa de *Brain Salad*, Giger criou e imortalizou um logotipo para o ELP, utilizado pela banda até hoje em capas de discos, posters, camisetas, panos de palco, etc.

quem se foi... these guys are gone but they're not forgotten...

Mike Gibbins
(Badfinger)
12/03/1949 - 04/10/2005

O galês Mike Gibbins nasceu em 12 de março de 1949 e seu interesse pela bateria começou aos 14 anos. Em meados da década de 60 se junta ao The Iveys, grupo liderado pelo guitarrista e vocalista Pete Ham. Após obter certa popularidade no circuito beat londrino, o grupo recruta Tom Evans para o baixo e desperta o interesse de Paul McCartney que descola um contrato na Apple em 1968. Após um LP sem muito sucesso, o grupo grava um single com a música "Come And Get It" de autoria do "padrinho" McCartney, que chega rapidamente ao top ten tanto na Grã-Bretanha quanto nos EUA. Evitando qualquer confusão com o já famoso grupo Ivy League, os Iveys passam a se chamar Badfinger em meados de 1969 e em 70 adicionam o guitarrista Joey Molland em sua formação.

Gibbins gravou sete LPs com o Badfinger entre 1970 e 1974, quando deixou a banda por causa de uma briga com Evans. Em depressão por ver seu grupo em franco declínio, Ham acaba se suicidando em 75. Tom Evans viria também a cometer suicídio em 1983.

Seguindo uma profícua carreira como músico de estúdio, Gibbins gravou com inúmeros artistas, acompanhando inclusive a cantora pop Bonnie Tyler na música "It's a Heartache" de 1977. Gibbins e Molland "ressuscitaram" o Badfinger algumas vezes nas últimas décadas, mas em 4 de outubro de 2005, em sua casa na Flórida, vítima de causas naturais, o músico terminou seu legado em nosso planeta.

(Yuri Garin)

Rick Van Der Linden
(Trace/Ekseption)
05/08/1946- 22/01/2006

Rick Van der Linden pode ser colocado ao lado de Keith Emerson, Mike Pinder, Matthew Fisher e Rick Wakeman, quando se pensa na importância dos teclados na história do *rock progressivo*, ou mesmo na história do próprio *rock and roll*. Nascido em 5 de agosto de 1946 nos arredores de Amsterdam e criado em Roterdam, Rick levou suas influências que iam da música barroca ao *rock and roll* feito por Elvis, Little Richard e Beatles para dentro do *Haarlem Conservatory of Music* aos 17 anos de idade. Aos 19 anos, havia ganhado várias menções honrosas e era considerado um dos alunos mais brilhantes a ter passado pela *Hague's Royal High School of Music*. Aos 20 anos começou sua carreira como músico profissional escrevendo peças para companhias de *ballet*. Seu primeiro trabalho como músico popular foi através de uma banda chamada Occasional Swing Combo, passando a tocar em seguida no Incrowd.

A história do Ekseption, no entanto, começa quando Van der Linden conhece o trumpetista Rein van der Broek que o convida a substituir o antigo tecladista de seu grupo. Em 1968 surgia uma das mais simbólicas misturas de música clássica e rock de todos os tempos, apesar de no início essa fórmula passar desapercebida pelo grupo. Porém, após assistir a uma apresentação do Nice, Rick imediatamente sugere que o Ekseption grave um compacto com uma versão *pop* do Primeiro Movimento da 5ª Sinfonina de Beethoven e da "*Dança do Sabre*" de Khachaturian. Sucesso total em toda Europa. Após seis álbuns com o Ekseption, Rick decide sair e começa a pensar em um novo projeto. Primeiramente, chama seu novo grupo de Ace e, no final de 1973, recruta o ex-Ekseption Peter de Leeuwe para a bateria. No início de 1974 Rick substitui de Leeuwe pelo ex-Brainbox/Focus Pierre Van der Linden, que na época estava prestando seus competentes serviços para o lendário Group 1850. Pierre indica Jaap Van Eick (ex-Cuby+Blizzards) para o baixo, formando assim a primeira dentição do Trace que grava um excelente álbum de estréia. Em 1975, sai Pierre Van der Linden e entra o futuro Marillion Ian Mosley e a banda grava o também essencial *Birds*. O terceiro e último disco do Trace sai em 1976. O irregular *The White Ladies* lembra demais o trabalho de Rick no Ekseption. Sendo assim, nada melhor do que voltar às origens e gravar mais 4 LPs de estúdio com a banda até 1989. Rick Van der Linden também gravou vários trabalhos como solista clássico ao longo de sua carreira. No último dia 22 de janeiro, aos 59 anos, Rick Van der Linden faleceu, após sofrer um aneurisma. *(Yuri Garin)*

Wilson Pickett
18/03/1941 - 19/01/2006

The Midnight Mover from Alabama! Nunca houve nem haverá cantor como Wilson Pickett. Ele passou os anos 60 colecionando pérolas da soul music. Partindo do sucesso "I Found a Love" como integrante dos Falcons em 1962, Pickett seguiu uma gloriosa carreira solo, em especial no selo Atlantic, onde permaneceu até 1972. Clássicos da música negra vieram da inconfundível garganta desse cantor. "In The Midnight Hour", "Land of 1000 Dances", "Mustang Sally", "634-5789 (Soulsville, USA)", "99 and a Half (Won't Do)", tão importantes, são apenas alguns exemplos do poder quase-hipnótico da interpretação e da voz rouca de Wilson Pickett.

Quando, entre versos, ele solta um "Lord have mercy!", então, fica impossível resistir ao apelo em sua música. Sua bela gravação de "Hey Jude", em 1969, foi cartão de visita de Duane Allman e sua incendiária guitarra solo. Pickett continuou na ativa, gravando e excursionando até a virada do milênio. Faleceu aos 64 anos em 19 de janeiro de 2006, após um ataque cardíaco, em Reston, Virginia. (Ricardo Alpendre)

Link Wray
02/05/1929 - 05/11/2005

Novembro último nos deixou a triste lembrança da morte de Link Wray. Guitarrista, inventor do *power chord* (tipo de acorde essencial ao rock, e o que funciona melhor com a saturação), sua importância na verdade vai muito além. Diferente do que muitos ensinam, há um "elo" entre o surgimento da distorção em guitarra elétrica nos blues da virada dos anos 40/50 e as experiências *hendrixianas* e pré-punk dos anos 60. Link (por coincidência, elo em inglês) é o elo perdido da guitarra saturada, suja, distorcida. Nascido em 1929 na Carolina do Norte, EUA, Frederick Lincoln "Link" Wray teve seu maior sucesso comercial com o single "Rumble", em 1958, que já trazia todos os elementos que o tornaram famoso. A faixa instrumental chegou ao 16º. lugar nas paradas americanas, mesmo após ser banida nas rádios das grandes cidades por "incitar guerras de gangues juvenis". O que dizer, então, da também instro "Rawhide", sua temível sucessora? Link seguiu uma carreira vitoriosa, sempre às margens do sucesso, até sua morte em 5 de novembro de 2005 em Copenhagen. (Ricardo Alpendre)

Do lado de Cá e de Lá

Novidades supimpas para não te chamarem de Jurássico em 2006

Diamond Nights
Banda novaiorquina que venera o Thin Lizzy dos bons tempos. T.Rex, riffs com pitadas de NWOBHM, um ou outro refrão 'chicletudo' a la Def Leppard e algumas linhas vocais na onda do Darkness. Álbum: *Popsicle*

Gogol Bordello
Influenciado pela música folk do leste europeu e também por bandas legais como a Sensational Alex Harvey Band e o Dr. Feelgood, Gogol cunhou um hino divertidíssimo, "Start Wearing Purple". Álbum: *Gypsy Punks - Underdog World Strike.*

Forty Deuce
Disco de estréia da nova banda do guitarrista Ritchie Kotzen. Talvez um pouco grunge demais em algumas passagens, porém o resultado final é satisfatório. "Muderno" e legal...
Álbum: *Nothing To Lose*

Tokyo Dragons
O Hard oitentista volta com força total na Inglaterra e pintaram muitas bandas novas com essa sonoridade. O Tokyo Dragons é mais uma delas. Pra ouvir sem esquentar muito,apenas interessante.
Álbum: *Give me the Fear.*

Drive-By Truckers
Banda de Southern Rock com uns bons anos de estrada, porém totalmente desconhecida por aqui. Três guitarristas, três compositores e três front-man's. Precisa falar mais alguma coisa? A faixa "Carl Perkin's Cadillac" do último disco deles é ótima pra pegar estrada. Álbum: *The Dirty South*

Freak!
Power Trio de primeira que lançou sua estréia ano passado. Os moleques de São José do Rio Preto registraram nove temas soberbos.

Álbum: *Freak! Rock n' Roll.*
www.freaktrio.cjb.net

Rocha Sólida
Pessoal de São Carlos que capricha no som das guitarras gêmeas. Dá pra sacar que os caras ouviram muito Wishbone Ash, Thin Lizzy e Judas Priest. A banda tem mais de 25 anos de estrada! Destaque para a instrumental "Antinomia".

Álbum: *Ao Vivo Sesc.*
www.rochasolida.com

Family Free Rock
Outra banda que aposta na sonoridade setentista para criar novas composições interessantes, com influências de Wishbone Ash e Jethro Tull. Destaque para o trabalho de estúdio.

Álbum: *Spanking Good!*
www.familyfreerock.mus.br

BillyGoat/Flaming Moe/ Sonic Volt
Três bandas nacionais que apostam no Stoner Rock! A rapaziada curte muito Blue Cheer, Sabbath, Cactus e Kyuss.

Álbum: *Playing At The Sun*
www.valvuladiscos.com

mundo bolha

CANÇÕES QUE MUDARAM O MUNDO

Maggie May - Rod Stewart (1971)
(Martin Quittenton - Rod Stewart)

Em 1971, Rod lançava seu terceiro álbum solo, *Every Picture Tells a Story*, um dos melhores de sua carreira, e que trazia "Maggie May" como uma espécie de 'carta na manga' já que os executivos da Mercury não botavam fé na música. A canção foi jogada para o lado B do compacto de "Reason to Believe". Os DJ's das rádios curtiram mais aquela que falava de uma tal de Maggie e passaram a tocá-la exaustivamente.

"Maggie May" colocou Rod Stewart no mapa como artista solo! Até então, ele era apenas um ex-integrante da banda de Jeff Beck e vocalista dos Faces. Nos EUA não passava de um ilustre desconhecido.

Que a parte musical de "Maggie May" é um verdadeiro primor, uma mistura magnífica de folk com rock, isso todo mundo já sabe. Mas poucos se ligaram na letra confidencial e emotiva.

Maggie era uma coroa que havia levado a virgindade de Rod quando ele tinha 16 anos. Na letra, ele relembra em tom nostálgico sua experiência, meio embaraçado pela sua ingenuidade na época, porém, enriquecido por tal aventura amorosa. Além disso, a letra demonstrava situações surpreendentes, personagens vivos e momentos inesquecíveis.

Interessante que muitas pessoas se identificaram com a experiência de Rod, o que talvez tenha colaborado para o sucesso estrondoso da canção nos dois lados do Atlântico. Depois dela, os shows dos Faces passaram a ser vendidos como "The Faces with Rod Stewart", e "Maggie May" entrou definitivamente para o repertório da banda. Nada de anormal, levando em consideração o fato de que quem acompanhava Rod em seu álbum solo eram os próprios Faces.

Em 2003, Ray Jackson, o sujeito que tocou bandolim em "Maggie May" processou Rod Stewart, alegando que, além de receber uma mixaria para gravar a música na época, até hoje não recebeu um centavo sequer por sua marcante colaboração.

LSD

Realidade superior, renovação espiritual, transformação social, elevação da alma, conexão com o divino? Música, arte, moda, Lindo Sonho Delirante, Lucy in the Sky with Diamonds ou pura viagem?

Seriam essas as três letras mais mal-entendidas da ciência?

Portas da percepção ou da alienação?

O que realmente importa não é a discussão se você deve ou não usar drogas. Isso é você quem tem que decidir. O que mais importa é deixar as manipulações de lado e enaltecer a real liberdade do ser humano. Liberdade de poder criar e não de ser criado.

O que não se pode negar é a potencialização da criação intelectual com o advento do LSD. As artes ficaram muito mais interessantes. A música evoluiu como nunca e o Rock sofreu uma mudança crucial – foi levado a novos caminhos e passou a ser tratado como arte. De 1966 em diante, músicas superficiais de três minutos eram ultrapassadas demais para fazer a cabeça de alguém e os grupos que não embarcaram na psicodelia sucumbiram à própria falta de criatividade em questão de poucos meses. Surgiram novas técnicas de estúdio e discos maravilhosos, além das tantas novas promessas musicais que até hoje influenciam milhares de pessoas pelo mundo.

DIVINO, MARAVILHOSO...

Há milhares de anos, pessoas distintas que habitam esse nosso pedaço de universo, vêm buscando uma forma prazerosa de entrar em conexão com o mundo espiritual. Nos povos mais primitivos, era comum os líderes ingerirem plantas e fungos visando uma conexão com o divino.

O advento do LSD foi apenas uma forma de trazer ao mundo moderno esse tipo de experiência, que mesmo com o passar dos anos parece ainda seduzir milhares de pessoas.

É certo também que usamos muito pouco do nosso cérebro, apenas uma porcentagem pífia. Nossa capacidade de visão mental e espiritual é muito ampla e se ela fosse utilizada dessa maneira no nosso dia-a-dia ficaria claro que ninguém agüentaria tanta "amplitude".

Os mais caretas garantem que essa "visão escondida" no nosso subconsciente tem que ser reprimida se o sujeito quiser ter um mínimo de convívio social.

Agora basta uma pequena alteração em nosso estado psíquico desencadeada por algum estimulante para essa visão ser ampliada em diferentes graus e nossa percepção ser liberada.

Toda essa piração começou quando, em uma manhã de 1943, o químico suíço Albert Hofmann esfregou sua mão em seus lábios e sem querer absorveu uma mínima dose de um componente químico que ele estava sintetizando enquanto estudava os vários tipos de estimulantes sangüíneos.

Hofmann, obviamente empolgado com sua primeira viagem acidental, três dias depois aumenta a dose e embarca na primeira 'viagem intencional' do Lysergic Acid Diethylamide, termo que batizou a droga LSD.

É difícil acreditar que, por acidente, esse senhor que acaba de completar 100 anos de idade, descobriu um potente alucinógeno. Durante alguns bons anos, o LSD era legalizado e se tornou uma promissora ferramenta para a psiquiatria. A CIA passou a ponderar a hipótese dele ser usado com sucesso como uma arma interrogativa e até de manipulação de mentes nos países de terceiro mundo.

Três letras que mudaram o Rock

UMA BREVE VIAGEM DE LSD NO MUNDO POP

Na década de 50, as drogas tomaram proporções gigantescas através dos escritores como ALDOUS HUXLEY, que recita os prazeres do ácido no livro *The Doors of Perception*. Anos depois ele lança o LP *Visionary Experience*, a primeira experiência lisérgica registrada em disco. Um marco!

No mesmo pique, Timothy Leary defende o LSD com unhas e dentes e cunha a frase "Turn On, Tune In and Drope Out.." Se ligue, se entregue e caia fora! O slogan foi surrupiado até pelo Pink Floyd, que em 1966 estampou tal frase em um cartaz de seu show

Leary era apaixonado pela psicologia e receitava LSD para seus clientes visando promover uma interação social e um despertar da 'consciência humana' em cada um deles. O doutor Leary se tornou rapidamente um guru psicodélico dos anos 60 e acreditava que se o LSD fosse de boa qualidade e tomado de forma correta, os benefícios do alucinógeno seriam incontáveis para os humanos. Leary ainda lançou livros e discos didáticos para amparar as primeiras viagens dos malucões da época.

Quem também embarcava na sua primeira viagem de ácido era Bob Dylan. Foi logo após um show na Universidade de Massachusetts. O cara que introduziu os Beatles na marijuana (naquela mesma época) dava um passo adiante sem medo de ser feliz.

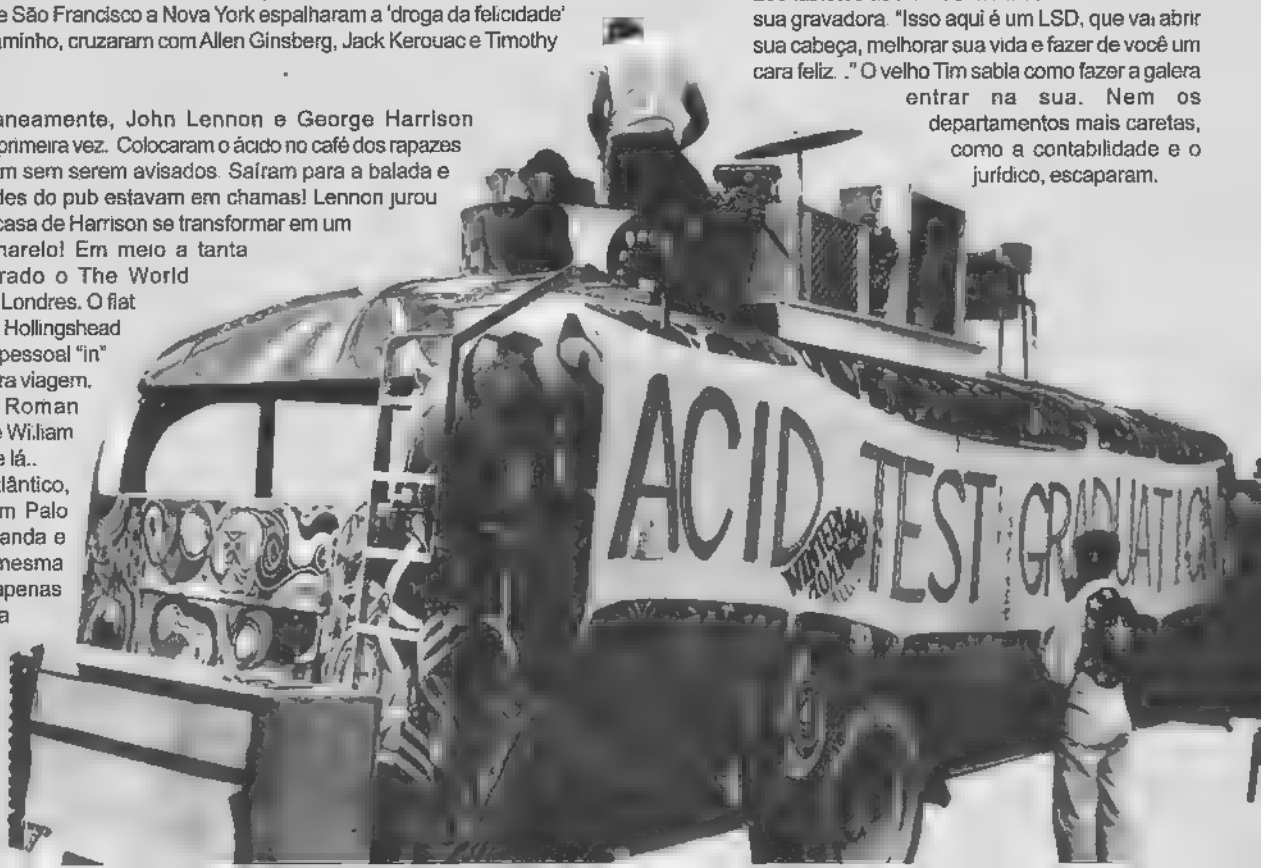
Ken Kesey, o beatnik Neal Cassidy e o pessoal do The Merry Pranksters propagavam o uso de LSD. O pessoal chegou a usar um ônibus escolar de 1939, pintando tudo com cores berrantes e durante uma viagem de São Francisco a Nova York espalharam a 'droga da felicidade' pelo país. Ao longo do caminho, cruzaram com Allen Ginsberg, Jack Kerouac e Timothy Leary.

Quase que simultaneamente, John Lennon e George Harrison experimentam LSD pela primeira vez. Colocaram o ácido no café dos rapazes e, dizem, eles o tomaram sem serem avisados. Saíram para a balada e pensaram que as paredes do pub estavam em chamas! Lennon jurou que naquela noite viu a casa de Harrison se transformar em um imenso submarino amarelo! Em meio a tanta alucinação é inaugurado o The World Psychedelic Center, em Londres. O flat do odontologista Michael Hollingshead era o lugar ideal para o pessoal "in" embarcar em sua primeira viagem. Paul McCartney, Roman Polanski, Donovan e até William Burroughs não saíam de lá..

Do outro lado do Atlântico, rolavam 'Acid Tests' em Palo Alto, Califórnia, onde banda e público se uniam na mesma viagem lisérgica. Com apenas um dólar, a galera ganhava um tabletinho na entrada e se divertia até o dia amanhecer. Projetores, luzes alucinantes, discursos e muito som de bandas como o Grateful Dead

No verão do amor (1967), o *Human Be-In* em São Francisco marcou época. 20 000 'friques' unidos no Golden Gate Park. Sabadão ensolarado, LSD, poesia beat e shows com todas as melhores bandas locais como o Grateful Dead, Jefferson Airplane, Quicksilver Messenger Service, Country Joe & the Fish e muitos outros. Esse foi o marco zero do hype sobre o "Frisco Sound"

No Brasil a rapaziada ia segurando a onda como podia. Toninho Peticov é preso por porte de LSD, no que foi a primeira apreensão da droga a ser amplamente explorada pela imprensa sensacionalista nacional. Os 'gambés' nem sabiam do que se tratava, mas nos porões a coisa foi diferente. Fugido do país, em Paris, ele inicia os Mutantes no mundo lisérgico. Foram todos para a Torre Eiffel e graças a Peticov os músicos não se jogaram lá de cima.. Já o hilário Tim Maia trazia 200 tabletes de LSD de Londres e os distribuiu na sua gravadora. "Isso aqui é um LSD, que vai abrir sua cabeça, melhorar sua vida e fazer de você um cara feliz.." O velho Tim sabia como fazer a galera entrar na sua. Nem os departamentos mais caretas, como a contabilidade e o jurídico, escaparam.



Jogue seu cérebro na frigideira!

20 canções que devem sua vida ao ácido!

20 The Doors (1966)

O público da época ficou alucinado com o nível de expansão sensorial alcançado pelos Doors em "The Crystal Ship". Além de uma das melodias mais bacanas da banda do Rei Lagarto, o tema era baseado na mitologia celta do famoso Book of the Dun Cow. Tomando ácido como água, Morrison relata aqui um sonho lisérgico encantador como o primeiro disco de sua banda.

Encontrada no álbum: The Doors

19 Maggot Brain Funkadelic (1971)

Se o 1969 dos Stooges já era algo pessimista e totalmente anti flower-power, imagine então o 1971 do Funkadelic... Ser negro nos Eua de 1971 era mais do que barra. Ano de indagações de Marvin Gaye ("What's Going On?") e de afirmações tão certeiras como as de Sly Stone ("There's a Riot Going on!"). O Funkadelic ficava no meio do fogo cruzado e "Maggot Brain" indagava e afirmava tudo isso sem sequer pronunciar uma palavra! A guitarra de Eddie Hazel era mais do que suficiente para tamanho feito. O solo de 10 minutos totalmente mergulhado em ácido emulava paranóia e medo, porém com uma pegada vigorosa capaz de levar qualquer pessimismo às favas. George Clinton chegou para Hazel (já com sua cabeça em Marte) e sussurou no ouvido dele: "Toque como se sua mãe tivesse acabado de morrer!" Foi só colocar a fita pra rolar...

Encontrada no álbum Maggot Brain

18 A Girl Named Sandoz Eric Burdon & The New Animals (1967)

Ao visitar São Francisco no inverno de 1966, Eric Burdon entrou de cabeça nas drogas, na contra-cultura e mudou sua vida para sempre.

Naquele ano, os Animals rachavam no meio devido ao ácido. A banda ficou dividida: de um lado os addicts e do outro os bebuns.

Burdon ficou no lado mais louco e formou uma nova versão de sua banda, totalmente psicodélica e moderna, perfeita para os novos padrões. "A Girl Named Sandoz" trazia um baixo distorcido e um groove Hendrixiano. Era o lado B do single-manifesto *When I Was Young* e foi responsável pela introdução do chamado Acid Rock californiano no gosto do público britânico (que, na verdade, demorou para assimilar o estilo e até deu uma 'gelada' em Burdon na época). A garota do título tinha o mesmo nome do laboratório suíço que fabricava o LSD, na época que esse era legalizado e vendido em farmácias.

Encontrada no álbum The Best Of Eric Burdon & The New Animals 1966-68

17 Sunshine Superman Donovan (1966)

Transformar o folk tradicional em algo vertiginoso, inconstante e dopado foi talvez o maior mérito d
e Donovan. Imagine tamanha petulância em 1966! Graças ao produtor Mickie Most, dois feras dos estúdios da época deram uma forcinha: Jimmy Page na guitarra e John Paul Jones no baixo e nos arranjos. Donovan pavimentou a estrada por onde passariam o Tyrannosaurus Rex e a The Incredible String Band. Levou o folk a um novo patamar e foi um dos primeiros astros da música pop a ser apreendido por porte de drogas.

Encontrada no álbum Sunshine Superman

16 Feel Free Cream (1966)

Bastava conferir à piração improvisada do trio no palco para sacar a paixão dos caras pelo LSD. Em estúdio tal paixão ficou evidente em alguns temas, especialmente no segundo álbum do grupo, Disraeli Gears. A composição de Jack Bruce, "We're Going Wrong", é exemplo disso. Porém foi com uma música do primeiro disco (Fresh Cream) que o trio inglês chegou às paradas sentindo a liberdade de trazer à público todos seus sonhos ácidos, visões e pesadelos da psicodelia emergente na época.

Encontrada no álbum Fresh Cream

In-A-Gadda-Da-Vida Iron Butterfly (1968)

15 Imagine o grau lisérgico do pessoal do Iron Butterfly: os caras tomaram ácidos a granel, piraram no estúdio, gravaram todos os experimentos em uma fita de rolo e escreveram o nome da canção no rótulo da fita. No dia seguinte foram ouvir aquele único take e ao ler o rótulo se depararam com "In-A-Gadda-Da-Vida" que originalmente era "In The Garden Of Eden"! Com o LSD em alta, as longas jams psicodélicas se tornavam referência e a prova maior disso foi essa música, um hit mundial com formato totalmente anti-comercial ao longo de 17 minutos de duração. E não é só isso, o tema ainda trazia um solo de bateria, frases de guitarra que imitavam elefantes, baleias e golfinhos (como o próprio guitarrista Erik Brann, na época com apenas 17 anos de idade, definiu) e foi inspirada em uma missa negra africana chamada 'Missa Luba". Uma versão editada de "In-A-Gadda-Da-Vida" foi lançada em compacto e emplacou por muitas semanas nas paradas. O épico de nome engraçado acabou ofuscando a carreira do Iron Butterfly. Onde quer que eles fossem todo mundo só queria ouvir "In-A-Gadda-Da-Vida". Até o Heavy Metal nasceu sobre influência do LSD. *Encontrada no álbum: In-A-Gadda-Da-Vida*

Roller Coaster 13th Floor Elevators (1966)

Esses malditos freaks texanos foram talvez a primeira banda da América a se denominar como Psicodélica. Nascidos a partir da junção de duas bandas de garagem (The Lingsmen e The Spades), o 13th Floor Elevators liberava, em seu álbum de estréia, uma energia lisérgica nunca vista antes. "Roller Coaster" é peça fundamental dessa obra, contando com os berros ensandecidos de Roky Erickson, riffs mântricos de Stacey Sutherland e os regurgitos sônicos da jarra elétrica de Tommy Hall.

Encontrada no álbum The Psychedelic Sounds Of 13th Floor Elevators

13 We Will Fall The Stooges (1969)

Depois do verão do amor de 1967, o mundo parece que passou a ter somente verões de ódio. Altamont e a família Mason que o digam, transformando o final da década de 60 em um cenário de caos e falta de perspectivas. Em 1969 a coisa estava preta e os Stooges eram filhos diretos desse inferno. "We Will Fall" estava no disco de estréia da banda e não tinha nada semelhante ao resto do álbum. Trilha definitiva das "Bad-Trips", esse mantra do mal se arrasta por mais de 10 minutos e foi certamente uma das faixas mais tenebrosas dos sixties. Até Tony Iommi ficou com medo dessa entorpecência macabra! Cruz credo!

Encontrada no álbum The Stooges

Good Vibrations The Beach Boys (1966)

O Pop chegava a maioridade com arranjos perfeitos de Mr. Brian Wilson. Sua "sinfonia de bolso" era trilha sonora ideal para trips ensolaradas da Califórnia. Nem mesmo a frustração pela recepção fria da crítica abalou a criatividade potencializada pelo LSD de Wilson. "Good Vibrations" é hino obrigatório, mas não nas Bad-Trips.

Encontrada no álbum Pet Sounds

Tecnicolor Mutantes (1971)

Apesar da bandarter chegado em seu ápice psicodélico logo nos dois primeiros álbuns, foi só a partir da viagem para Paris, em 1970, que o LSD começou a fazer parte do dia a dia da galera. Lá gravaram o álbum Tecnicolor que ficou inédito até o ano 2000. No entanto a música "Tecnicolor" acabou saindo no disco de 1971, Jardim Elétrico. Depois os Mutantes fariam um disco inteiro influenciados pelo ácido (A e o Z) e vidrados naquele papo de que o LSD transformaria o grupo em "uma pessoa só"

Encontrada no álbum Jardim Elétrico

Dark Star The Grateful Dead (1969)

"Dark Star" é referência para qualquer jam psicodélica que se preze. Baseada em construções modais semelhantes às de Miles Davis em *Kind Of Blue*, a faixa misteriosa chegava a computar 48 minutos de duração em alguns concertos. O mais interessante é que tanto na banda como na platéia, ninguém tinha a mínima idéia do que ia acontecer no decorrer da música. Expanda sua mente através do cosmos com a música do Grateful Dead.

Encontrada no álbum: Live/Dead

DISCO 7
(VINIL)
Compra e Venda
Discos Nacionais Anos 60 e 70
Rock Anos 70
www.disco7.com.br
disco7vinil@ig.com.br
Fones: (11) 3231-1193/9889-2860
Galeria Nova Barão
Rua 7 de Abril, 154 (Rua Alta nº 24)
São Paulo/SP

More Discos
CDs, Vinis Raros e DVDs
Classic Rock - Blues - Jazz - MPB

morediscos@hotmail.com
Fone: (11) 3104-7028
Rua São Bento, 545 - Loja 13
Piso Metropolitano - São Paulo - SP

Stand Up
www.standup-music.com.br
Tel: (11) 3362-1561 / 8519-9107
Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar - Loja 368
Cep:01041-000 - São Paulo - SP

9 Section 43
Country Joe & The Fish (1966)

Para muita gente, Mr. 'Country' Joe McDonald é apenas aquele hippie cômico que faz a galera gritar "FUCK" em Woodstock. Muito mais do que isso, a banda liderada por Joe e Barry Melton foi um dos mais importantes agrupamentos da cena psicodélica de São Francisco dos anos 60. Gravando num equipamento tosco de quatro canais, as sessões de gravação eram amparadas por Owsley Stanley III, um guru lisérgico que acompanhava o Grateful Dead e que criou os famosos ácidos 'Purple Haze' e 'Blue Cheer'. Owsley deixou o pessoal da banda inspirado a ponto de criarem um tema instrumental genial, "Section 43". O órgão Farfisa, a guitarra de Melton, o clima dark de uma gaita tristonha, o baixo hipnótico e as explorações em tons menores dando um aroma árabe complementam o cardápio mutável e astucioso da banda Californiana.

Encontrada no álbum
Rag Baby EP e no Electric Music For The Mind And Body

8 Purple Haze
The Jimi Hendrix Experience (1967)

Quando esse som do Experience começou a tocar nas rádios no início de 1967, uma revolução cultural no rock começava a florescer. Essa coisa de 'névoa púrpura' (Purple Haze era na real o nome de um ácido da pesada) e 'beijo no céu' era demais para os padrões caretas das rádios. Incrível como quase 40 anos depois, "Purple Haze" ainda faz a cabeça de muito pirralho aspirante à guitarrista com sua introdução de apenas dois acordes. O que vem depois é pura lisergia sonora, embalando a frase "Purple Haze/All In My Brain/Lately things don't seem the same..." (Névoa Púrpura/Toma conta do meu cérebro/Mais tarde as coisas não são mais as mesmas)...viagem é pouco perto disso...

Encontrada no álbum Are You Experienced?

7 Eight Miles High
The Byrds (1966)

Os únicos capazes de juntar no mesmo caleidoscópio John Coltrane, Beatles e Ravi Shankar. Roger McGuinn alargava cada vez mais os parâmetros musicais da música Pop com sua Rickenbacker de 12 cordas e "Eight Miles High" é prova absoluta desse avanço, tornando-se, fácil, uma das gravações mais importantes da década. Primórdios do Acid Rock e até do Space Rock - sim meu caro - por introduzir ficção científica em muitas de suas letras ("Mr. Spaceman" e "5D"), os Byrds foram rotulados de Space-Rock por alguns críticos da época. Haja ácido pra tanta inovação! Algumas rádios até boicotavam os caras devido às alusões a certos aditivos psíquicos contidos nas letras.

Encontrada no álbum Fifth Dimension

6 Itchycoo Park
The Small Faces (1967)

A banda inglesa estava afinada com o Summer of Love daquele ano e cunhou a bela "Itchycoo Park" como que fazendo um passeio no parque embalados por ácido.
Os caras embarcavam em sua primeira viagem iniciados pelo empresário dos Beatles, Brian Epstein, que morreria logo na sequência. Outro passo importante foi deixar a careta Decca e entrar de cabeça na terra prometida do selo Immediate, de propriedade de Andrew Loog Oldham, manager dos Stones na época. Isso estimulou a banda de Steve Marriot e Ronnie Lane a ponto dos caras relaxarem e viajarem à vontade nas novas composições.
Não é à toa que a pioneira no uso do efeito Phase se transformou em trilha sonora obrigatória para as viagens dos freaks ingleses da segunda metade dos 60s, mostrando que a consciência pode ser expandida mesmo dentro de uma grande metrópole.

Encontrada no álbum The Ultimate Collection

Moby Dick

CD'S e DVD'S
Nacionais e Importados

Jazz - Rock - Blues Progressivo

COMPRA - VENDA - TROCA

Atendemos Via Sedex

Rua 24 de Maio, 62 - 2º andar
Loja 364 - São Paulo - SP
Fone: 222-8517 - Fax: 3362-1912

HALLEY

especializada em ROCK PROGRESSIVO e HARD-PROG

Remetemos pelo correio para todo o Brasil em pacotes registrados e com seguro - Confiram em nossa Home Page a seção de promoções
Atendemos pela Internet
Atualizações semanais

www.halleydiscos.com.br
halley@halleydiscos.com.br

Tel/Fax: (21) 2551-1697
Rua Senador Vergueiro 218, Loja 15
Flamengo - Rio de Janeiro - RJ

Blackbird
Music Shop

www.blackbird.com.br

CDs, DVDs e Livros

Rock anos 60 e 70
Beatles - MPB

Telefax: 3141-9690

Av. Paulista, 1499 - loja 67
Galeria Trianon - Piso Casa Branca
São Paulo SP

5 2000 Light Years From Home The Rolling Stones (1967)

A aventura psicodélica em que os Stones se meteram em *Their Satanic Majesties Request* ainda causa uma boa polêmica entre os fãs. A maioria não sabia ainda que em 1967 o LSD estava em alta (apesar de já estar fora da lei) e os discos que faziam a cabeça do pessoal era o Piper, do Floyd e o Sgt. Peppers, dos Beatles. Jagger e Richards embarcavam na onda e cunharam uma obra repleta de inovações, orquestrações, batidas tribais, efeitos de eco, overdubs e psicodelia. A viagem "2000 Light Years From Home" foi composta por Jagger na prisão em Brixton, onde ele amargava uma "cana" por posse de drogas (daí o sentimento de solidão e 'distanciamento do lar' que a canção emana). O maior destaque da música é o mellotron tocado por Brian Jones de forma quase telepática. Um fiel relato de uma trip de LSD

Encontrada no álbum Their Satanic Majesties Request

4 Tomorrow Never Knows The Beatles (1966)

Ringo Starr talvez nunca teria imaginado que sua frase apenas "engraçadinha" seria o nome de uma das músicas mais importantes do rock. Com "Tomorrow Never Knows" os Beatles pareciam trazer o futuro mais longínquo para 1966. Lennon queria que sua voz soasse como a do Dalai Lama pregando do pico mais alto do Himalaia. Encarregou o produtor George Martin para a missão, que passou a voz de Lennon por uma caixa Leslie enquanto ele recitava algumas palavras do Livro dos Mortos Tibetanos, de Timothy Leary. E a viagem não parava por aí: som de bateria comprimido, teclados roncando e silenciando, guitarras tocadas de trás pra frente nos tapes e loops, tudo isso em quatro canais!

Peça para o seu bisneto ouvir isso daqui a uns 100 anos que ele vai adorar!

Encontrada no álbum Revolver

3 I Can't See For Miles The Who (1967)

A primeira música da banda a chegar no Top Ten norte-americano e também a música preferida de Mr. Roger Daltrey, levou o Who a enxergar o quanto eles estavam à frente de tantas outras bandas de sua época e o quanto eles eram fundamentais para a cultura pop britânica. O protagonista da fábula contada nas linhas adquire uma percepção sensorial extra graças a uma "chemical candy", cortesia de uma viagem psicodélica de Pete Townshend.

Em setembro de 1967, Keith Moon foi questionado por um jornalista sobre o então novo single alucinógeno de sua banda: "Estou tentando pensar em algo interessante pra te dizer sobre I Can See For Miles, mas está difícil. Eu não consigo lembrar nada dessa sessão de gravação! Até Pete Townshend, que escreveu a música, não se lembra de nada. Foi nosso empresário que achou a música perdida em uns tapes velhos e resolveu lançá-la como single..." Precisa dizer mais alguma coisa? Já que você é insistente, lá vai: Na imprensa internacional, dizem que "I Can't See For Miles" inspirou Paul McCartney a escrever a canção mais violenta dos Beatles, "Helter Skelter"

Encontrada no álbum The Who Sell Out

2 Astronomy Domine Pink Floyd (1967)

Syd Barret foi talvez a mais famosa 'vítima' dos excessos do ácido dos anos 60. Logo na estréia de sua banda, Syd provou a todos que ele foi o primeiro homem a chegar na lua, ou melhor, ele foi além e visitou outras galáxias com "Astronomy Domine". A faixa de abertura de *The Piper at the Gates of Dawn* pode ser considerada uma das peças mais anti-comerciais da história. Palavras esquisitas, progressões melódicas absurdas, climas angustiantes, solos dissonantes e uma rota astronômica sendo recitada em um megafone. Tudo isso estava lá e representava perfeitamente o estado mental de Syd, completamente caótico e interplanetário. "Astronomy Domine" ficou anônima nos EUA por muitos anos, já que a versão norte-americana do disco de estréia do Floyd não continha a faixa. O Space-Rock ácido do Floyd assustou os caretas engravatados da Capitol norte-americana, mas não barrou os ansejos experimentais da banda. Quatro minutos que equivalem a um século de experimentos.

Encontrada no álbum The Piper at the Gates of Dawn

1 White Rabbit Jefferson Airplane (1967)

Em "White Rabbit" a influencia de LSD é escancarada! Que tal os versos cantados por uma menina meiga e com olhar doce que começa dizendo: "Uma pílula faz você ficar maior / Outra faz você ficar menor / E todas as pílulas que sua mãe te oferece / Não fazem nada disso..." e termina tudo ordenando: "Feed Your Head!" (alimente seu cérebro!) Grace Slick se baseou nos principais contos infantis, fábulas que geralmente retratavam certas substâncias como caminhos para se alterar a realidade. Alice no País das Maravilhas, Mágico de Oz e Peter Pan, entre outros, habitavam a mente da vocalista do Jefferson Airplane.

Musicar essa viagem era um gigantesco passo adiante. A moça tomava LSD e ficava ouvindo por horas a fio o álbum *Sketches of Spain*, de Miles Davis. Daí veio a idéia de transformar o andamento de "White Rabbit" em um bolero e apimentar a melodia vocal com temperos do oriente. A "paixão controlada" impregnada na música flamenca fazia a cabeça de Slick tanto quanto os ácidos que ela tomava.

A faixa foi escrita em 1966, época que Slick integrava a banda The Great Society. Porém, foi só quando ela se mandou para o Jefferson Airplane que a canção ganhou força e se tornou um hino dos sixties no ano seguinte.

Essa era a trilha sonora de quem protestava contra a guerra do Vietnã, de quem abria as portas da percepção e de quem lutava no próprio Vietnã. Certamente um dos momentos psicodélicos mais sublimes da história do rock.

Encontrada no álbum Surrealistic Pillow

O Rock da Alma

como comprar Rock n' Soul

por Rodrigo Pisa

O blues e o rhythm blues sempre foram a grande fonte de inspiração do rock'n'roll mas a partir do final dos anos 60, dois novos estilos conquistaram o mundo: o soul e o funk. Arrebatados pela música de figuras como James Brown, Curtis Mayfield, Isley Brothers e Funkadelic, artistas consagrados do mundo do rock como Deep Purple, Doobie Brothers, Jeff Beck, Janis Joplin, Jimi Hendrix e Eric Clapton não resistiram e se renderam a ritmos mais sacolejantes. Outros como Joe Cocker, Wet Willie, Cold Blood, Blood Sweat & Tears, Flaming Ember e Tony Joe White já nasceram impregnados pelo suingue soul/funk. As formações tradicionais com baixo, guitarra e bateria abriram espaço para o piano, a percussão e os metais, e surpreendentemente, os músicos negros também incorporaram elementos do rock'n'roll ao seu som. O que realmente importava é que a música, livre de preconceitos como nunca, era feita com seu ingrediente principal: o sentimento.

Buddy Miles
Them Changes (1970)

Miles é provavelmente a primeira pessoa que vem à cabeça quando se fala em rock'n'soul. O cantor/baterista sempre passeou pelos dois estilos naturalmente, desde os tempos do Electric Flag e do Band of Gypsys. Tratando-se de Buddy Miles é difícil dizer onde termina o soul man e começa o rocker. Com *Them Changes*, seu terceiro disco solo, atingiu a perfeição. Sua voz como sempre se destaca, e além de bateria também toca baixo e guitarra em algumas faixas. A espetacular e ultra suingada versão de "Dreams" dos Allman Brothers e "Down by the River" do mestre Neil Young, em versão de puro feeling, são os melhores momentos do disco. Recheadas de metais as canções "Heart's Delight", "Memphis Train" e "Your Feeling Is Mine" são responsáveis pelo lado mais soul e a pesada versão de "Them Changes" é ainda melhor que a de Hendrix. Altamente recomendado pra quem quiser entrar no mundo rock 'n' soul. Clássico, essencial, uma aula no estilo.

Rare Earth
Ecology (1970)

Em seus dois primeiros álbuns o Rare Earth ainda flertava com a psicodelia e o sunshine pop. Foi em *Ecology*, o segundo lançado pela Motown, que a banda mergulhou de uma vez por todas no soul e no funk. As guitarras cheias de wah wah, o vocal grave e poderoso do batera Pete Rivera e o clima *laid back* dão uma cara de filme setentão, daqueles cheios de perseguições em alta velocidade. "Born to Wander", "Long Time Leavin'", "(I Know) I'm Losing You" e "Eleanor Rigby" (em versão extremamente original) se destacam. A habilidade da banda para criar momentos suaves e introspectivos que explodem em refrões apoteóticos é incrível. Os álbuns seguintes *One World*, *Willie Remembers* e *Ma* são outros bons exemplos do funk rock da banda, mas nos discos posteriores (também excelentes) mudaram de formação diversas vezes e praticamente se afastaram por completo do rock'n'roll.

Baby Huey
The Baby Huey Story (1971)

Baby Huey, ou James Ramey, nunca pôde ver seu único disco pronto, morreu meses antes de seu lançamento. Sofreu um ataque cardíaco devido ao uso excessivo de drogas, curiosamente na mesma época em que morreram Janis e Hendrix. Huey era uma espécie de versão vitaminada de Buddy Miles, ainda mais gordo e com uma voz ainda mais poderosa e animalesca. Lançado pela Curtom, selo de Curtis Mayfield (que assina várias composições do disco), esse álbum não contém um segundo de sutileza: os metais, as guitarras, o hammond... Tudo é tocado com uma agressividade assustadora. A faixa de abertura "Listen To Me" já prepara o ouvinte para o que vem pela frente: pauleira total. A balada "A Change Is Going To Come" de Sam Cooke tem aqui sua versão definitiva, "Might Might" e "Hard Times" são pura festa funk e as instrumentais "Mama Get Yourself Together", "California Dreamin'" e "One Dragon Two Dragon" deixam espaço para os solos de flauta, guitarra, órgão e percussão. Em uma palavra: monstruoso.

www.diehard.com.br
METAL E VERTENTES
(E ANOS 70)
CDs e DVDs nacionais e importados
Apenas produtos novos e originais
Em toda compra: prêmio promocional de CD exclusivo + zine O GRITO
LOJA VIRTUAL NO AR, além de vendas por telefone e e-mail
segurança, preços e prazos inigualáveis
DIE HARD
rock'n' roll cd's
Av. São João, 439 - 2º andar, Lj. 312 Fone/Fax (11) 3331-3978
Cep: 01035-000 São Paulo SP - email:diehard@diehard.com.br
Caravaggio

* HARD ROCK * PROGRESSIVO * PS CODELICO *
MEDUSA RECORDS
ATENDEMOS VIA CORREIO
Rua 24 de Maio, 62 - 1º andar - loja 279
CEP: 01041-000 - São Paulo - S.P.
Telefax: (11)3223-9845
* HEAVY - METAL * STONER ROCK * JAZZ - ROCK *

Empório Das Letras
Sebo
Desde 1980
J.D. SALINGER
NOVE ESTÓRIAS
Grande acervo de LPs e Livros
Usados e Raros
Compra e Venda
Rua Antônio Raposo, 226 - Lapa
Tel: (11) 3831-4899
Av. Mazzei, 253 - Tucuruvi
Tel: (11) 6204-3270
Av. Pe. Antônio José dos Santos, 1208
Brooklin - Tel: (11) 5506-0483

Abaixo: Maggie Bell, Buddy Miles e Frankie Miller

Isley Brothers
Givin' It Back (1971)

Incrível como uma banda formada nos anos cinquenta pôde se renovar tantas vezes e ainda assim continuar influenciando gerações. Os Isleys deixaram o funk um pouco de lado e resolveram regravar alguns dos melhores rocks da virada da década de 60 pra 70. Hendrix ("Machine Gun"), Stephen Stills ("Love The One You're With"), Neil Young ("Ohio"), Bob Dylan ("Lay Lady Lay"), James Taylor ("Fire and Rain"), todos revisitados em versões inspiradas, densas e emocionantes. O alto astral usual dá lugar a um certo lado sombrio e introspectivo jamais revelado pelo grupo. O clima é de protesto: guerra e governo são os alvos. A mistura de violões, bateria e baixo cheios de groove, e guitarras Hendrixianas resultam em algo extremamente original. Ron Isley mostra mais uma vez porque é o cantor negro mais imitado de todos os tempos. Quem nunca ouviu esse disco prepare-se, você nunca ouviu nada parecido.

Edgar Winter
White Trash (1971)

Backing vocais no melhor estilo gospel, arranjos de metais complexos e o vocal arregaçador de Jerry Lacroix (o grande destaque do disco), fazem de *White Trash*, além de um clássico, uma síntese da sonoridade rock'n'soul. Difícil manter o pique de um álbum que abre com "Give It Everything You Got" - uma clara homenagem a Sly Stone – mas a banda não economiza o fôlego e simplesmente quebra tudo ao longo de 10 faixas impecáveis. A balada "Fly Away", o funk "Let's Get It On" e o blues "I've Got News For You" são um prato cheio para a destruição vocal de Lacroix. O próprio Winter se encarrega dos vocais no lado "B" do LP. Tiro certo também são os álbuns que Lacroix gravou nos anos seguintes, dois ótimos discos solo, além de trabalhos com o Rare Earth (incluindo o lindo *Midnight Lady*) e Blood Sweat & Tears. Winter reativou o White Trash em 1977 lançando o pouco inspirado *Recycled*.

Maggie Bell
Queen of the Night (1974)

Ex-vocalista do fabuloso Stone The Crows (que perdeu seu guitarrista e fundador Leslie Harvey eletrocutado em pleno palco), Maggie Bell se entrega ao soul de corpo e alma em seu primeiro disco solo. Na verdade ela já havia gravado dois trabalhos anteriores, que por motivos burocráticos de gravadora nunca foram lançados. Acompanhada por monstros como Cornell Dupree (guitarra), Chuck Rainey (baixo) e Steve Gadd (bateria), Maggie solta seu vozeirão rasgado sem piedade e, apesar de ser escocesa, soa como uma veterana da Motown. Os funk rocks "Caddo Queen" e "The Other Side" e a deliciosa versão latin funk de "After Midnight" se alternam com baladas grandiosas, como "Souvenirs", "Queen Of The Night", "As The Years Go Passing By" e "Trade Winds" território onde Maggie parece se sentir ainda mais à vontade.

Frankie Miller
High Life (1974)

Frankie Miller é um desses cantores excepcionais, que se destacam não só pela voz como também pelo feeling e pela musicalidade. Seu timbre espetacular – algo entre Paul Rodgers e Rod Stewart – e suas interpretações encharcadas de sentimento são, por si só, garantia de qualidade. Como se não bastasse, Miller lançou uma série de discos maravilhosos nos anos 70, e é no segundo deles, *High Life*, que ele assume de vez por todas sua paixão pela soul music. Aliado a Allen Toussaint, que como sempre imprime sua marca inconfundível de produtor, arranjador e compositor, Miller foi gravar diretamente em New Orleans e obteve um resultado primoroso. Quase impossível destacar alguma música específica em um disco tão completo e homogêneo, mas podemos dizer que "Play Something Sweet", "A Fool" e "With You In Mind" são a prova definitiva da genialidade da dupla Miller/Toussaint.

Dr. John
Desitively Bonnaroo (1974)

Criado no meio da malandragem de New Orleans, Dr. John trafegou pelo jazz, pelo blues e pela psicodelia antes de se aliar ao The Meters em *In The Right Place* (seu primeiro trabalho com a banda) e depois *Desitively Bonnaroo*. A intimidade de Dr. John com a música é incrivelmente natural: ele soa tão relaxado e malaco que parece não estar fazendo nada de mais, apesar de toda a quebradeira funky voodoo executada com precisão cirúrgica faixa após faixa. "What Comes Around (Goes Around)", "Mos'scocious", "Can't Git Enough" e a própria "Desitively Bonnaroo" são ótimos exemplos do som selvagem e singular que Dr. John conseguiu criar. A produção de Allen Toussaint, que também comanda os teclados, mais uma vez é perfeita e extremamente característica. Até o fã do progressivo mais careta vai sair rebolando pela casa.

The Electric Flag
The Band Kept Playing (1974)

A volta do Electric Flag não foi das mais bem sucedidas comercialmente, mas *The Band Kept Playing* é um disco maduro e poderoso. Não espere o R&B psicodélico dos primeiros álbuns, *The Band...* é rock'n'soul pesado e vigoroso do começo ao fim. Os duelos vocais entre Buddy Miles e o baixista Roger Troy em "Sweet Soul Music" e na balada "Sudden Change" são de arrepiar, o guitarrista Nick Gravenites não fica atrás. "Earthquake Country" é um dos melhores e mais impactantes funk rocks da história. "Doctor Oh Doctor" e "Lonely Song" mostram Michael Bloomfield extremamente em forma apesar de meio sumido na época e "Make Your Move" é funk arrasa quarteirão de ficar de queixo caído. Infelizmente poucos se lembram desse grande trabalho da banda.

Andy Fraser
...In Your Eyes (1975)

Todas as canções de *...In Your Eyes* poderiam ter sido gravadas pelo Free pois o estilo de composição de Fraser é inconfundível! O que muda aqui é a roupagem: metais, piano elétrico, percussão, quase tudo tocado pelo próprio! Fraser soa como um autêntico soul man. O mais incrível é a semelhança do seu vocal com o de Paul Rodgers, há quem acredite que Fraser tenha influenciado Rodgers, e não o contrário. Gravado em um dos berços do soul, o estúdio Muscle Shoals, o clima alto astral, relaxado e inspirado chega a ser emocionante. A qualidade das músicas e arranjos é primorosa, "Train Of Love", "Bee Good To Yourself" e "Talkin' Bout My Baby" são o que há de melhor no estilo rock'n'soul. Pra quem ainda duvida, fica claro que o genial Andy Fraser era a alma do Free.

PAUL KOSSOFF

Um Guitar Hero Para Poucos

O Blues inglês dos anos 60 deixou para o mundo uma leva assustadora de guitar-heroes. Jovens ingleses que bebiam nas fontes do blues negro norte-americano e que amplificavam seus fraseados de guitarra transformando o Blues em rock pesado, levando a nova sonoridade a ser a mais moderna mania entre os jovens do mundo todo. No quesito 'fama e reconhecimento mundial', os guitarristas que passaram pelo Yardbirds formam o primeiro escalão dessa turma: Clapton, Beck e Page. No segundo escalão temos Rory Gallagher, Peter Green, Mick Taylor e Alvin Lee, músicos também geniais, mas que não conseguiram a projeção e os dólares dos garotos do Yardbirds. Os mais letrados em rock sugerem ainda um terceiro escalão, com Kim Simmonds (Savoy Brown), Stan Webb (Chicken Shack) e Tony Mcphee (Groundhogs). Mas, daí eu pergunto, e o Paul Kossoff?

Pode reparar, Kossoff nunca é lembrado nas listas dos grandes guitarristas. Talvez pelo fato dele ter escolhido as notas certas e ter apostado sempre no feeling ao invés da velocidade, a fama não bateu à sua porta como deveria.

O curriculum de Koss destaca uma lendária carreira ao lado do Free, projetos paralelos, uma turbulenta carreira-solo, canjas em álbuns de amigos e uma vida pessoal desregrada e depressiva. Esse era Koss, um guitar hero para poucos, músico que sentia cada nota, dono do 'vibrato' mais emocionante do Rock, que silenciou há exatos trinta anos...

Paul Francis Kossoff vinha de uma tradicional família de judeus de classe média / alta de Londres. Nascido a 14 de setembro de 1950, no norte de Londres, Koss sempre estudara em bons colégios e seu pai (David Kossoff) era um famoso ator e comediante da TV e dos palcos ingleses. O garoto desde muito cedo desenvolveu uma atração compulsiva pelo perigo. Como de ele tivesse que estar sempre no limite para se sentir bem. Aos 14 anos de idade seus pais o tiraram da escola e pagavam professores para lecionar na própria casa da família Kossoff. A desculpa era que Paul estava andando com más companhias na escola e tinha sido flagrado tomando pílulas estimulantes e remédios para emagrecer.

Visando amenizar o problema, a família de Paul sempre incentivava a prática de esportes para o garoto, mas o seu negócio era mesmo a música. Estudou violão clássico durante nove anos, e tudo começou a mudar quando passou a ouvir os discos de Ray Charles e Big Bill Broonzy, de seu pai. O coroa, vendo que o filho se dava muito bem com a guitarra, resolve levar o garoto para a estrada, onde ele tocaria na peça e seria uma espécie de assistente de palco do pai.

Mas o 'estalo' na cabeça de Paul Kossoff aconteceu no inverno de 1965, quando assistiu a um show de Eric Clapton com os Bluesbreakers de John Mayall. Numa entrevista para a revista Guitar Player em 1975, Kossoff relembrou: "A minha primeira e verdadeira inspiração ocorreu quando eu assisti aquele show do Clapton com a banda de John Mayall num clube. Eu tinha a sensação de que meu aprendizado clássico não seria mais útil naquele estilo de Blues. Meu interesse por guitarra cresceu imensamente e passei a curtir muito o trabalho de Peter Green no Fleetwood Mac. Depois passei a ouvir B.B. King e Freddie King, além de vocalistas como Otis Reddin [illegible] Rodgers como vocalista). Outro show que me impressionou muito foi o de Jeff Beck com Rod Stewart nos vocais".

Como trampo, ele descolou na loja de instrumentos Selmer's Music Shop, passou a estudar e a conhecer muito sobre aparelhagem, amplificadores e tipos de guitarra. Nessa rotina do comércio, um dia marcaria para sempre sua vida: "Quando eu tinha cerca de 15 anos de idade e trabalhava numa loja de instrumentos, Jim Hendrix veio para a Inglaterra com Chas Chandler (baixista dos Animals e manager de Hendrix) e começaram a rodar as lojas para comprar um bom equipamento. Um belo dia, a dupla entrou na loja que eu trabalhava e fiquei petrificado. Não tinha nenhuma guitarra para canhoto na loja e Hendrix simplesmente pegou uma Fender Strato para destros mesmo, virou-a e começou a tocar algo no estilo de Little Wing. Ele acabou não comprando nada, mas o simples fato de ve-lo tocar bem na minha frente mexeu comigo. Eu o amava! Ele foi e sempre será o meu herói!" declarou Paul Kossoff, em 1975, numa entrevista para a revista Guitar Player.

O Black Cat Bones surgiu bem na época da explosão do Blues inglês. John Mayall e Alexis Korner eram os anfitriões da festa. Os deuses dessa orgia sonora vinham em forma de guitarristas, como Eric Clapton, Jeff Beck, Peter Green, Alvin Lee, Jimmy Page, Mick Taylor e muitos outros. Paul Kossoff sabia da responsabilidade que seria quando empunhasse sua Gibson Les Paul e começou a chamar a atenção de todos com seu estilo marcante. A banda de Kossoff e Kirke passou a tocar em vários clubes pela cidade, abriam shows de John Mayall, Ten Years After, Jethro Tull, The Nice e eram contratados como banda de apoio para músicos americanos em visita pela Inglaterra como o pianista Champion Jack Dupree e Eddie Boyd.

Marshall

Koss gravando a estréia do Free, Tons Of Sobs, no Morgan Recording Studios Londres, outubro de 1968.

Koss e Kirke sempre assistiam aos shows de uma banda chamada Brown Sugar, cujo vocalista era um sujeito que ia muito na loja de instrumentos onde Koss trabalhava. O nome dele? Paul Rodgers. Numa apresentação da banda num pub chamado Frickle Pickle, em Finsbury Park, Rodgers chamou Koss para dar uma canja e o guitarrista acabou mandando "Four O' Clock In The Mourning", "Stormy Monday Blues" e "Everyday I Have The Blues", todas de B.B. King. O que era uma simples canja acabou se tornando uma participação de 45 minutos (quase o show inteiro do Brown Sugar), que Paul Rodgers nunca esqueceu: "Essa jam com Paul Kossoff foi o que fez valer a pena a minha persistência em Londres naqueles tempos difíceis. Durante a execução daquela passagem lenta de "Stormy Monday Blues", era possível ouvir uma gota caindo numa poça de água! Foi tão intenso e emocional que tivemos que descer do palco dizendo às pessoas, sim, nós estamos formando uma banda juntos!"

Kossoff, impressionado com seu xará, convida Rodgers para integrar o Black Cat Bones, mas Rodgers sentia que se ele entrasse numa banda já formada, iria continuar no mesmo lugar, já que seria a mesma coisa. Agora, se criassem algo novo, tudo seria diferente. "Eu tinha tudo para criar um novo grupo. Já tinha composto "Walk In My Shadow" e "Over The Green Hills" (ambas viriam a aparecer no primeiro álbum do Free). Além do que, eu e Kossoff estávamos nos concentrando plenamente em fazer shows nos clubes. Ninguém queria mais ter que trabalhar numa fábrica ou numa loja no dia seguinte!"

Desse anseio por novidade surgiu o Free, banda formada por dois dissidentes do Black Cat Bones (Koss e Kirke), Rodgers e um baixista indicado por Alexis Korner (lenda do Blues inglês, que batizou a banda de 'Free'), o jovem Andy Fraser (de apenas 16 anos de idade!).

Quando o Free tinha acabado de lançar seu auto-intitulado segundo álbum, Koss ficou sabendo que os Stones e o Jethro Tull estavam à procura de um guitarrista. Imediatamente o jovem músico, então com 18 anos de idade, se prontificou a encarar o desafio e partiu para as audições com ambas as bandas. A própria história mostrou que os Stones ficaram com Mick Taylor e o Jethro com Martin Barre, porém, só o fato de Koss ser levado em consideração nas audições foi um enorme prazer para ele. Aos poucos, o frágil guitarrista ia sendo reconhecido como um novo talento da cena britânica.

Logo na sequência, a gravadora do Free (Island), agendou para os rapazes uma tour pela América como banda de abertura para o Blind Faith e para o Delaney & Bonnie. Koss, tocando horrores, impressionava platéias pelos EUA, até que um belo dia, ninguém menos que Eric Clapton entrou no camarim do Free e pediu humildemente para que Paul ensinasse seu 'vibrato' a ele. Dar uns toques para "Deus" era demais para aquele garoto!

Clapton, animado com o estilo de Koss, sugere uma troca de instrumentos para selar a amizade entre a dupla. O Slowhand ofereceu uma Les Paul de 1959 com pintura "Sunburst" e ficou com a Les Paul Custom preta de Koss. (Essa sunburst que pertencia ao Clapton foi parar depois nas mãos de Paul Rodgers, que vendeu o instrumento em um concorrido leilão e doou todo dinheiro para a *The Paul Kossoff Foundation*, uma instituição de caridade liderada pelo pai do guitarrista).

Seus solos, seus 'vibratos' e o seu bom gosto na economia das notas já eram lenda nos shows e nos dois primeiros álbuns do Free. Porém, faltava um riff, uma frase impactante, como a introdução de "Johnny B. Good" cunhada por Chuck Berry, ou de "(I Can't Get No) Satisfaction", de Keith Richards. Tal riff surgiu nas mãos de Koss em 1970 e foi registrado na música "All Right Now", peça fundamental do terceiro álbum do Free, *Fire and Water*. "All Right Now" foi um dos singles mais vendidos da Inglaterra e a música do verão inglês de 1970.

O som áspero, rude e cru de Paul Kossoff estava imortalizado para sempre. Essa música já foi regravada por milhares de bandas e guitarristas através dos anos. Desde Brian May, passando por Peter Framptom, Slash, Ritchie Blackmore, Neal Schon, Joe Walsh e muitos outros. Mas eu sempre gosto de ressaltar um detalhe: Eu nunca ouvi ninguém (eu disse NINGUÉM!) tirar sequer um som semelhante ao que Koss tira na versão original de "All Right Now". O sucesso estrondoso da música levou o Free ao topo das paradas inglesa e norte-americana, mas - o mais importante - levou a banda a ser incluída no disputado cast do Festival da Ilha de Wight daquele ano, ao lado de Hendrix, Who, Doors, Ten Years After, ELP e outros.

10 CANJAS MARCANTES

Champion Jack Dupree: When You Feel The Feeling You Was Feeling (1968)

Martha Valez: Friends And Angels (1969)

Michael Gately: Gately's Cafe (1971)

Mike Vernon: Bring It Back Home (1971)

Jim Capaldi: Oh How We Danced (1972)
Short Cut Draw Blood (1975)
The Contender (1978)

Uncle Dog: Old Hat (1972)

Amazing Blondel: Mulgrave Street (1974)

John Martyn: Live At Leeds (1975)

Sue Glover: Solo (1976)

Ken Hensley: From Time To Time (1994)

'The Enterprise'

o equipo de Koss

Late 50's Sunburst flametop Les Paul Standard (58-60)
'54 Gibson Les Paul Custom (preta, com três captadores)
Gibson ES 335 (na época do segundo álbum do Free)
Duas 50's Les Paul (com captadores PAF)
'57 Fender Stratocaster (Branca) - Maple Neck
(Que ele aparece na capa do LP Back Street Crawler)

Cabeçotes Marshall 100 Watts Super Lead
Dois gabinetes feitos por ele mesmo. Cada um contendo quatro falantes de baixo (!) de 12 polegadas.
Fender Tremolux (na época do segundo álbum do Free)
Duas caixas Leslie

Palhetas Heavy e cordas pesadas (011 / 052 no mínimo) com a sol (G) desencapada! Esse era um dos seus segredos que lhe garantia um vibrato extra!

O show do Free foi histórico, porém, o que mais impressionou a banda foi um exaltado Pete Townshend vir até a van dos rapazes cumprimentá-los pelo sucesso de "All Right Now". Pete fez questão de apertar a mão de Koss e elogiar seu estilo de tocar guitarra

Apesar do prestígio de Koss, alguma coisa parecia sempre estar errada. A depressão era uma constante na vida do guitarrista. Simon Kirke costumava dizer que no palco ele parecia um leão e fora dele um cordeirinho. O vulnerável e pequeno Koss se apegava cada vez mais nas drogas pesadas. Tudo piorou quando, em setembro de 1970, Jimi Hendrix, seu maior ídolo, morre acidentalmente, sufocado pelo próprio vômito. Kossoff ficou desolado, quis largar tudo e partir para o funeral, em Seattle. Coube a Simon Kirke fazê-lo desistir da idéia

As pressões do estrelato e a necessidade de continuar a lançar singles certeiros como "All Right Now" para se manter no topo foi desgastando demais o Free. Tudo isso aliado ao desgaste da estrada foi crucial para o fim da banda que se aproximava logo após o lançamento de *Highway*, álbum que trazia uma espetacular atuação de Koss. Nas baladas "Be My Friend" e "Love You So" ele deixava uma espécie de testamento de sua genialidade, colocando o coração em cada nota. A guitarra de Koss somada à voz, impregnada de soul, de Rodgers atinge seu ápice em *Highway*. Na metade de 1971 a banda resolve dolorosamente se dissolver e a gravadora resolve capitalizar um pouco mais com o nome deles e lança o apenas razoável *Free Live*!

Koss não se contentava somente com álcool e maconha. Pílulas e outras drogas mais pesadas deixavam o guitarrista cada vez mais irreconhecível. Sua fala ficava arrastada e quase incompreensível. Chegava a desmaiar nas sessões de estúdio e quando pegava a guitarra era assustador. Não conseguia mais manter o ritmo nas bases. Seu 'vibrato' potente e característico perdia todo o brilho e soava angustiado, impotente. A cada mês seu estado piorava. Os ex-companheiros de banda já nesse ponto não enxergavam um futuro promissor para Koss, completamente arrasado pelo fim prematuro do Free.

Amigos conscientes de seu estado crítico o convidavam para jams, tentando reanimá-lo com novas experiências musicais. No fim de 1971, ele grava junto de Jim Capaldi e Ken Hensley. Com John Martyn registra em um show uma de suas melhores atuações (de onde saiu a espetacular faixa "Time Away"). Viaja para o Japão para tocar com um novo amigo, Tetsu Yamauchi. Jim Capaldi, profundo admirador de Koss, o convida para a gravação de seu primeiro disco solo *Oh How We Danced*, gravado no lendário estúdio Muscle Shoals, no Alabama. Durante a gravação Koss ingere tantas pílulas que Chris Blackwell, o chefão da Island, resolve internar o guitarrista em uma clínica de reabilitação em Miami, antes da volta de ambos para Inglaterra. Poucos dias depois Koss foge da clínica e voa para Londres, onde, imediatamente, contacta Kirke para formarem um novo projeto. Koss passa a ter um interesse assustador pela morte e fica buscando uma sonoridade semelhante à de Hendrix. Passa a usar uma Fender Strato e caixas Leslie para tentar soar como seu ídolo.

Koss, Kirke, Tetsu e Rabbit. Esse era o novo projeto de Koss. John "Rabbit" Bundrick era norte-americano e foi recrutado para participar do projeto. O rosto de Koss aparecia devastado na capa do álbum, prova do que as drogas estavam fazendo e da desolação após o fim de sua banda. As gravações foram turbulentas com o guitarrista tentando ficar de pé no estúdio. Duas novas composições do guitarrista aparecem no álbum. Uma é "Just for the Box", uma instrumental chapante, e a outra é "Colours", uma tentativa frustrante de Koss fazer também os vocais. Seria engraçado, não fosse trágico.

Koss chegou a declarar para um jornalista inglês que tomava três pílulas de Mandrax para conseguir sair da cama e passar o dia. Quando ficava sem a droga, parecia sofrer um ataque epilético e passaram a ser comum as quedas. Cicatrizes e a perda de dois dentes foram as conseqüências. Era comum ver alguns amigos mais chegados se emocionaram com o estado de Koss, e todos torciam para ele conseguir sair daquela.

Fraser, Rodgers e Kirke chegam a conclusão que somente uma volta do Free seria capaz de animar Paul Kossoff e resgatá-lo da morte que o rondava cada vez mais. Andy Fraser chegou ao cúmulo de ter que "seqüestrar" Koss dentro de sua própria casa: "Você abria a porta da casa de Koss e tropeçava em cerca de 30 ou 40 pessoas largadas no chão. Ele ficava o dia inteiro deitado e as pessoas trazendo drogas para ele. Parecia que ele já tinha morrido. .O único jeito de salvar Koss era tirá-lo imediatamente dali, então um belo dia eu fui lá com um roadie, subi as escadas e raptei Koss enquanto sua namorada gritava e fazia um verdadeiro escândalo! Colocamos ele no meu carro e o levamos para minha casa de campo. Ficamos lá por três dias, sentamos e conversamos bastante. Tentamos colocar a cabeça dele no lugar e levantar sua auto-estima. Infelizmente não funcionou .." declarou Fraser para a revista inglesa Mojo.

Em 1972, sai *Free at Last*, a mais amarga despedida que essa formação poderia esperar. Comparado aos anteriores, o disco soava arrastado. O clima entre eles na gravação do disco era o pior possível.

A tour de promoção foi deprimente. Na Inglaterra, shows eram cancelados e interrompidos pela metade devido aos colapsos do guitarrista, que geralmente desabava depois da segunda música. Na América, bem na noite de abertura da tour, no Palladium de Los Angeles, Fraser encontrou Koss desmaiado no banheiro do camarim poucos minutos antes da banda entrar no palco. O grupo entrou em cena sem o guitarrista, tocou três faixas acústicas, se desculpou na frente da multidão e voou para casa, cancelando todas as datas restantes.

Fraser não agüenta mais tanta loucura e abandona o grupo antes de uma tour japonesa. Koss, incapacitado, não vai com a banda para o Japão. Lá o Free se apresenta com Rodgers fazendo vocais e guitarra, Kirke, Tetsu e Rabbit.

Na Inglaterra o guitarrista é submetido a uma terapia "neuro-elétrica", método que tinha salvado Clapton do seu vício de heroína algum tempo antes. Para Koss o tratamento não surtiu o efeito desejado. Prova disso foi a sua volta traumática para os palcos com o Free, em setembro de 1972. Em um dos shows ele desmaiou em cima da bateria de Kirke, que, sempre paciente, tentava na medida do possível socorrer o amigo. Em diferentes casas de show, Kirke era flagrado trocando as cordas e afinando a guitarra de Koss. Ele chegou até a amarrar os sapatos do guitarrista que, em certo ponto, não sabia nem onde estava. Todo esse baixo astral culminou com uma overdose do guitarrista durante a passagem de som em Newcastle. O show foi adiado e Koss foi parar no hospital. Quando saiu, conseguiu fazer a data remarcada de Newcastle. No fim do show Koss estraçalhou sua Les Paul no Hammond de Rabbit como resposta às duras críticas feitas pelo tecladista ao seu estado mental e emocional. Essa foi a sua última aparição ao lado do Free.

Mesmo assim a banda ainda arruma forças para lançar mais um disco, *Heartbreaker*, em 1973, contando com Tetsu Yamauchi no baixo e Rabbit nos teclados. Impossibilitado de excursionar e de comparecer às gravações, Kossoff aparece como convidado e mesmo assim toca em cinco das oito músicas do álbum. Snuffy Walden, do Stray Dog, é chamado para completar o restante do disco.

Para a tour norte-americana, onde o Free seria supporting-act do Traffic, Koss fica de lado e é substituído por Wendell Richardson, do Osibisa.

O fim da banda é inevitável e em fevereiro de 1973 tudo acaba. Rodgers e Kirke formam o Bad Company e Kossoff lança seu primeiro disco solo, *Backstreet Crawler*, que nada mais era do que uma compilação de jams sessions, pois o guitarrista estava impossibilitado de entrar no estúdio e gravar um disco inteiro nessa época. Seu uso de heroína estava cada vez mais crítico.

Koss vai parar na corte inglesa, acusado de dirigir embriagado e sob o efeito de drogas. É multado em 250 libras e aceita um tratamento no St. Pancreas Hospital. Saindo do hospital, ele luta para montar sua própria banda. Toca com Graham Bond, grava com uma excelente banda folk, o Amazing Blondel, monta a The Humbledown Band ao lado de Andy Fraser e Frankie Miller, toca com Peter Green (durante uma mísera hora de gravação, alguém tem isso gravado?) e com Nic Potter (baixista do Van Der Graaf Generator) e busca uma ponta em alguma grande banda.

Pouco tempo depois, Kossoff toma emprestado o nome de seu disco solo e batiza sua nova banda de "Backstreet Crawler", lançando o disco *The Bands Play On*, em 1975. O grupo contava com Terry Slesser nos vocais, Koss na guitarra, Terry Wilson no baixo, Mike Montgomery nos teclados e Tony Braunagel na bateria. Graças ao amigo e promotor de shows Geoff Docherty, Koss parecia retomar uma aparência pelo menos 'aceitável'. Geoff forçou Koss a uma dieta a base de peixes e verduras. Fez o guitarrista se ocupar um pouco com exercícios leves e nunca o deixava sozinho um minuto sequer.

Apesar dos cuidados, o guitarrista injetava heroína nos seus pés, escondendo de todos o vício ainda contínuo.

Em agosto de 1975, o músico é internado com uma úlcera e uma semana depois o quadro se agrava bastante com um ataque cardíaco e uma queda em seu sistema nervoso. Koss ficou tecnicamente morto por 35 minutos! Os médicos conseguiram trazê-lo de volta e alertaram que se ele não parasse completamente com as drogas, estaria morto em questão de alguns dias.

Um mês depois de quase ter fechado seus olhos para sempre, Koss voltava a abusar. Shows em Liverpool e Glasgow foram horríveis com o guitarrista caindo de cima do palco e tocando muito mal. Uma apresentação no programa de TV *The Old Grey Whistle Test* mostrava Koss pálido e doente, tentando empunhar sua guitarra. Muito triste!

Rabbit vem para os teclados do Back Street Crawler e todos se mandam para os EUA para a gravação do segundo disco.

Koss, de tão atordoado pelas drogas, não consegue render no estúdio. O empresário Johnny Glover se desentende com o guitarrista, acusando-o de gastar tempo e dinheiro com seus maus hábitos. Koss voa para cima do empresário atacando-o com uma garrafa de whisky. Glover parte pra cima de Koss e a briga deixa o guitarrista com dois dedos de sua mão esquerda quebrados.

Takes alternativos da sessão de fotos para a capa e contra-capa do álbum *Backstreet Crawler*. No topo da página seguinte, a última foto.

1976 foi o ano mais curto e mais complicado para o ex-guitarrista do Free Para Rabbit, seu companheiro de banda até os últimos dias, Koss era como um paciente em estado terminal. Todos sabiam que ele morreria muito em breve, era apenas uma questão de tempo. Seus amigos viam sua degradação aumentar a cada dia que passava.

Um companheiro de excessos de Paul nesses últimos meses era John Bonham. Ambos eram carregados pra fora de restaurantes e bares devido à bebedeira, e um caso ficou famoso quando foram pegos cheirando pó no banheiro público de um hotel em Los Angeles.

Enquanto o Bad Company (estouradaço na América) vendia milhares de cópias de seus dois primeiros discos, lotava estádios e estudava novas estratégias de marketing para mais um lançamento, Koss apenas lutava para se manter vivo por mais um dia.

Com dois dedos da sua mão esquerda quebrados, Koss gravava alguns solos usando apenas outros dois dedos! Incapacitado de concretizar suas partes de guitarra no segundo álbum do Backstreet Crawler, novamente Snuffy Walden é chamado para dar uma força e o disco (*Second Street*) era gravado em processo lento e traumático num estúdio de L.A.

Coincidentemente o Bad Company estava na cidade, onde tocaria por duas noites (ambas sold-out) no Inglewood Forum, para um público de 34 000 pessoas no total.

Milagrosamente, na mesma semana, Paul Kossoff arranjou forças e foram agendados quatro shows do Backstreet Crawler no pequeno clube Starwood, com capacidade para 400 pessoas e que ficava na Sunset Strip, em Hollywood. Simon Kirke entrou em contato com Koss e sugeriu uma jam no Starwood. Peter Grant (que além de empresariar o Led fazia o mesmo com o Bad Company) aprovou a idéia, ficando acertado que Paul Rodgers, Simon Kirke e Paul Kossoff subiriam no palco do Starwood depois de três anos separados. Foi feita uma ligação para Andy Fraser convidando-o para a ocasião, pois com sua participação a formação original do Free estaria subindo ao palco novamente. Fraser negou impetuosamente o convite e nunca mais se encontrou com Koss (Fraser foi, inclusive, o único integrante do Free a não comparecer no funeral do guitarrista).

No Starwood, o Backstreet Crawler fez as quatro datas, sendo que nas duas últimas o pessoal do Bad Company participou da encore. Além de Rodgers e Kirke, Boz Burrel e Mick Ralphs também participaram da jam. Os amigos de banda comentaram que Koss escolheu sua melhor roupa, tocou 'limpo' e tirou sons maravilhosas de sua guitarra naquela noite.

Essa foi a última vez que Rodgers e Kirke viram Koss, como relembra o vocalista "Koss estava realmente entusiasmado naquela nossa Jam e talvez tenha esperado este fatídico último momento para aceitar sua condição e finalmente dormir, dessa vez em um longo e tranqüilo sono eterno" Aquele seria mesmo o último show de Koss, a última vez que ele subiu em um palco.

Seu empresário sentia que o guitarrista não viveria por muito mais tempo e tentava a todo custo concretizar o novo álbum. Já a gravadora queria ouvir os tapes antes de qualquer lançamento precipitado.

Ficou acertado então que o empresário e o guitarrista iriam levar os tapes para o pessoal da Atlantic realizar uma audição em Nova York. Mesmo incapacitado de empunhar sua guitarra e até mesmo confabular uma frase inteira, Koss foi convencido a marcar uma tour britânica de 20 shows, que começaria em abril. Antes da viagem o pessoal agitou uma festinha no hotel onde a banda estava hospedada. Pra variar muito rock rolando, garotas passeando por todos os quartos e drogas pesadas por todo lado.

Nas últimas horas do dia 18 de março de 1976, Paul Kossoff, seu empresário Johnny Glover e o batera Tony Braunagel embarcaram em um vôo de quatro horas. Partiram de Los Angeles com destino a Nova York.

Quando o novo dia estava prestes a surgir, o aviso de apertar os cintos ecoava nos falantes e o avião se preparava para pousar. Uma aeromoça fazia sua tradicional vistoria e percebeu que o assento de Koss estava vazio. Ela se dirigiu a Glover (que estava dormindo, sentado ao lado da poltrona de Koss) e perguntou pelo seu companheiro. O banheiro era a opção mais óbvia e foi lá que acharam Koss morto.

O avião pousou, todos os passageiros foram deixando a aeronave aos poucos enquanto o dia clareava. Glover e Braunagel foram os únicos que permaneceram em suas poltronas em estado de choque.

Paul Kossoff morria em 19 de março de 1976, com apenas 25 anos de idade!

DISCOGRAFIA SELECIONADA

o mais surpreendente

Tons of Sobs (1968)
Estréia de Kossoff em disco, onde ele arrasa no blues "Goin' Down Slow" e já dá mostras de seu inconfundível timbre de guitarra.

o mais vendido

Fire and Water (1970)
O maior clássico do Free, contém o mega hit "All Right Now", seu mais conhecido riff de guitarra.

the laid back album

Highway (1970)
Recheado de baladas, o disco mais sentimental e depré do Free. Habitat perfeito para Kossoff brilhar em canções como "Love you So" e "Be My Friend".

o projeto paralelo

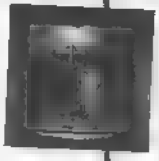
Kossoff/Kirke/Tetsu/Rabbit (1972)

Interessante projeto liderado pelo guitarrista. Curiosidade: Kossoff canta na faixa "Colours".

o ápice

Backstreet Crawler (1973)
Primeiro disco solo de Kossoff, na verdade uma compilação de jams de estúdio. Destaque para a linda e emotiva balada "Molten Gold", onde todos os integrantes do Free participam.

o último



Second Street (1976)
Derradeiro registro de Kossoff, que morreu durante as gravações do álbum. Amarga e bela despedida, bem no estilo do guitarrista, como fica claro na faixa "Blue Soul".

SÉRGIO DIAS

Papo mutante...

Entrevista conduzida por Marcelo Spindola Bacha e Rodrigo Werneck
Transcrição: Rodrigo Werneck Fotos: Marcelo Spindola Bacha

poeira Zine - Sérgio, como foi o lance da composição do A & o Z?

Sérgio Dias - O *A & o Z* foi uma coisa muito séria pra gente, foi uma realização, uma compreensão dessa coisa do "eu sou você, você é eu, e nós somos todos um". Não era uma coisa que a gente falava, logo depois a gente compreendeu toda essa coisa da "morte gratificante", da "perda do ego", coisas oriundas do LSD e das drogas expansoras do inconsciente. Quer dizer, o *A & o Z* foi um retrato disso. Foi composto, gravado e editado "under the influence"... não recomendo!

pZ - Mas essa coisa começou antes, não foi?

SD - Não, tudo começou nessa mesma época. Um pouco antes, talvez. Mas ninguém brincava, a idéia era ser única e exclusivamente uma exploração da "nova fronteira". E com magia. Por exemplo, a "Guitarra de Ouro" tinha mesmo a maldição e, funcionou, ela foi roubada e voltou. Quer dizer, havia esse lado todo nosso místico muito forte, então foi um encontro concreto com o lado de lá. Foi muito forte. Telepatia, por exemplo, era constante. Tem uma música que tem 3 letras simultâneas do *A & o Z*... e tem músicas que a gente nem ensaiou, saiu tocando todo mundo a mesma música e pronto. Foi uma conexão muito profunda pelo lado musical cósmico. E muita gente não acreditava, déjà vu é uma coisa aceitável pelas pessoas, mas não telepatia. Tinha um amigo meu que saía falando com você o que você ia falar. Não era brincadeira, tudo isso era muito sério. Por exemplo, caminhos... a Represa de Guarapiranga, tinha um amigo que visualizou o caminho todo coçando a cabeça... é verdade. . eu cheguei lá! Havia uma noção totalmente exploratória. Obviamente teve um monte de problemas gerados por isso. Os nossos mestres não eram muito bons. Havia no final dos anos 60 e nos anos 70 uma procura pelo conhecimento, mas um total despreparo no que fazer após consegui-lo.

pZ - É, não estava escrito em lugar algum... não havia um "manual de instruções"...

SD - Bem, até havia e eu era um dos poucos que lia, talvez por isso eu esteja aqui, até com poucas seqüelas. Ácido é uma coisa muito séria, tem que ser supervisionado, como atitude científica mesmo, concreta.

pZ - Mas cada um fazia do jeito que achava melhor?

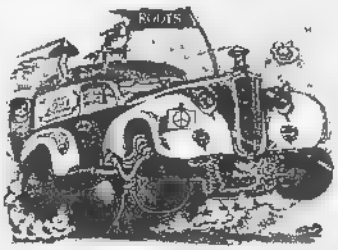
SD - Não, a própria viagem impõe. Não existe "você" na viagem. Você vai fazer o que a viagem determinar e a viagem é uma manifestação do grande ser supremo, da grande universidade cósmica, que vai te ensinar a ser algo que você não sabe. Se você tomar LSD, esteja pronto para mudar radicalmente, porque você vai mudar. Experimentar com LSD é como entrar numa nave espacial comparado a um automóvel. É algo totalmente desconhecido e qual é a resultante disso? Bicho, quando eu vi gente caindo do meu lado igual mosca, eu parei!

pZ - E quanto tempo durou essa coisa toda, em especial do ponto de vista musical, relacionado ao A & o Z?

SD - Ah, mais de um ano. O mundo inteiro experimentava e escutava a mesma coisa, não existia esse negócio de rock progressivo, essa palhaçada. Isso é coisa pejorativa feita para estragar o que não é compreendido. A música se expressa em diversos níveis. É a mesma coisa que você dissecar

DISCONEXUS
www.disconexus.com.br
CDs Novos & Usados
Pop - Rock - MPB
Jazz - Instrumental
Alternativos e Independentes
Compra - Venda - Troca
Fone/Fax: 3081-7664
Rua da Consolação, 2682
(entre as Alamedas Santos e Jaú)

Music & Arts
Todos Os Sons
CDs & DVDs
Compra - Venda - Troca
Classic Rock - Progressivo
Jazz - MPB - Blues
fones: (11) 3283-2581
Av. Paulista, 1499 - loja 68
Galeria Trianon - São Paulo - SP

ROOTS RECORDS

www.rootsrecords.com.br
CD's - DVD's - LP's - VHS
Camisetas e Acessórios
Entregamos para todo o Brasil
Rua Felipe Schmidt 249
loja 204 - 2° piso - Ed. ARS
Fone: (48) 222-1134
Florianópolis - SC

Stravinsky e dizer que é tudo uma merda, e é o que foi feito com eles na época. Com relação ao rock'n'roll, o que houve após os Beatles? Rolling Stones? Sinto muito, não teve. É um sonho do Zeca Jagger (N.R. Ezequiel Neves, produtor musical) que tivesse acontecido, mas não rolou. Ele é um idiota, não entendeu nada.

pZ - E o que era "progressivo" naquela época?

SD - Não era o Yes. E os eram rock. Progressivo era a Mahavishnu (Orchestra), King Crimson e Gentle Giant eram rock. Santana fazia o quê? Salsa? Não, rock'n'roll.

pZ - Quanto aos Mutantes... o pessoal fala muito que Mutantes mesmo era nos cinco primeiros discos...

SD - É, isso é muito por causa de toda aquela política, aquela palhaçada do tropicalismo, dos Novos Baianos. Depois que Gil e Caetano foram embora, a coisa toda mudou. O mundo mudou.

pZ - Mas o Tudo Foi Feito Pelo Sol é considerado um disco progressivo...

SD - Sim, na concepção Yes pode ser. Mas "O Contrário de Nada é Nada" não tem nada de progressivo, aquilo é rock'n'roll. "Cidadão da Terra", tirando o início dela, é um blues. Eu não tenho nada contra o progressivo, muito pelo contrário. Eu sou contra o uso do termo "progressivo" para cercear a capacidade criativa. O rock'n'roll é, antes de tudo, poder fazer qualquer coisa. No Sly & The Family Stone tinha um cara que tocava trompete, uma coisa louquíssima. O que seria aquilo na época, "fusion"? Rhythm'n'blues não era! Hendrix então, o que seria? O *Tudo Foi Feito Pelo Sol* era um disco de rock. O rock que era feito na época. Era um reflexo de uma juventude, de um movimento social intenso e imenso no mundo inteiro.

pZ - Mas poucas bandas faziam aquele som.

SD - Talvez porque nós fôssemos muito fundo na nossa busca, na nossa pesquisa. Guitarra igual àquela você não vai achar, não existe. E o mais incrível é que na época do *Tudo Foi Feito Pelo Sol* nós estávamos completamente caretas, ao contrário do *A & o Z*.

pZ - Qual foi o momento mais importante para vocês: o A & o Z, o Tudo Foi Feito Pelo Sol ou o disco ao vivo?

SD - As músicas ali são irrelevantes para mim. Foi um grande momento de aprendizado interno. Eu lembro mais dos momentos do que das músicas. "Cidadão da Terra", por exemplo, uma curiosidade: eu estava no show do Alice Cooper em 1974 e fui para o Edifício Chopin (N.R.: Copacabana, Rio de Janeiro), onde eu morava na época, e compus "Cidadão da Terra" de madrugada, sozinho, inspirado pela revolta de ver o Alice empunhando a bandeira do Brasil no final do show, uma apelação. A profundidade da música que você toca, que você é capaz de compor, é relativa à profundidade com que você consegue chegar dentro de si mesmo e ao quanto você consegue se conectar ao Universo em geral. Hoje em dia eu consigo entender a atitude musical de um John McLaughlin ao tocar. Não interessa quais notas ele toca: interessa ver pra onde ele está indo quando ele vira os olhos pra trás enquanto está tocando, qual o "filtro" que ele está usando. O que é que tem por trás do olhar do Hendrix em Woodstock, em que ele está tocando e somente num momento ele olha para a câmera, ele olha pra você. Eu me lembro desse momento como se fosse agora, eu saí do cinema, aquilo me desmontou. Porque eu vi onde o cara estava. As músicas são meros subprodutos dessa compreensão.

pZ - Se você tivesse nascido, digamos, 10 anos depois, você acha que teria tido a mesma experiência, a mesma compreensão?

SD - Com certeza. Eu não acho que o ácido seja uma coisa errada, não ele em si, mas a forma como é usado (ou foi). Acho que o Governo devia ter ouvido o Timothy Leary, que pedia uma liberação, não do jeito que foi feito, mas que fosse puro, sem anfetaminas, algo reciclável. Mais ou menos como achar aquele monolito do *2001*. "Opa! O que é isso?" Eu não quero fazer uma apologia do ácido, do LSD, das drogas. Até porque o momento é outro. Muito mais importante era a coragem de quem tomou e a coragem de quem não quis tomar também. A atitude em si.

Hoje em dia os EUA invadem o Iraque e todo mundo sabe que o motivo é o petróleo, o dinheiro, nada mais. Não tem máscara, a máscara caiu. O "Grande Irmão" está aí e controla todo mundo, assim como as gravadoras controlam a música, e controlam as rádios, as rádios controlam as gravadoras e a cultura em si desapareceu.

pZ - Sim, mas os anos 80 foram totalmente diferentes. Não que as coisas fossem mais fáceis nos anos 70, mas a situação como um todo acabou contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura muito mais rica do que nos anos que se seguiram, não?

SD - Os anos 80 são a fotografia do que realmente são, ou seja, sem a influência da década de 70. O que aconteceu de inteligente nos anos 80, musicalmente? The Police, muito bem. O que mais... Eurythmics, Dire Straits .. tem poucas coisas. Darryl Hall & John Oates, que era caretinha, né? Tinham todos os negros de Nova York, aquela coisa deles, de dance music. Apareceu o Yes com "Owner of a Lonely Heart", outra coisa interessante. De novidade mesmo, musicalmente, não tem nada. Nem no rock, nem no jazz.

pZ - Ou seja, a letra de "Mistérios" continua atual: "não há nada, quase nada"...

SD - Sim, essas coisas existem, são assim mesmo. O que é concreto, subproduto de uma coisa real, persiste. Assim como o Mutantes sobreviveu, todas as fases. Todo mundo pode falar muito sobre a fase com a Rita (Lee) e o Arnaldo (Dias Baptista), mas uma porrada de gente fala também que a fase de depois que eles saíram foi a melhor. Acredito que o Mutantes nunca teve tanto sucesso em termos de tocar, de shows, etc., do que depois que eles saíram. Foi uma coisa muito forte.

pZ - Mas quando a gente lê aquela biografia, "Divina Comédia"...

SD - (Interrompendo) Por favor, não chame aquilo de biografia.

pZ - Como é mesmo que está escrito na capa?

SD - É, não está escrito biografia. Se estivesse, o cara teria pelo menos 5 processos na cabeça, porque nenhum de nós gostou. O cara é um idiota, com a visão curta.

pZ - É, ele foge ao tema quando chega na fase final, e dedica umas duas ou três páginas só...

SD - Sim, ele diz que eu entrei numa depressão profunda. Que depressão profunda? Porra, eu estava tocando feito um louco, imagina, eu estava feliz da vida. Eu até chamei o Arnaldo para voltar pra banda, ele não voltou porque não quis. Ele queria voltar como "Arnaldo e os Mutantes" aí eu mandei ele se foder.

pZ - E aí ele voltou como Arnaldo e a Patrulha do Espaço (risos)...

SD - É... (risos). Não era aquela a idéia. Agora, não é porque ele sai que eu vou deixar de ser quem eu sou.

pZ - As pessoas ficam meio chateadas, pois tem muito material entre o Tudo Foi Feito Pelo Sol e o Ao Vivo que nunca saiu.

SD - Sim, o próprio *Ao Vivo* é todo cortado, o Peninha (Schmidt, engenheiro de gravação) fodeu o disco. Basicamente a gente ia fazer um disco, de verdade, em estúdio, aí o Guto (Graça Mello) inventou essa estória de fazer tudo ao vivo e tal, a idéia era até boa. A gente gravou, mas aí o disco não podia ser duplo, e o Peninha simplesmente cortou tudo... "Anjos do Sul" ficou pela metade. Mutilou tudo, ficou uma porcaria.

pZ - Todo aquele material do Ao Vivo é do mesmo show?

SD - Sim... ou no máximo de dois dias, mas no mesmo local, no Rio de Janeiro. Eu não me recordo exatamente. Era muito difícil se gravar ao vivo naquela época. Mas eu fiquei muito puto, eu já estava puto com algumas coisas na banda, com

o caminho que as pessoas estavam tomando. Eu já não tinha mais paciência para ficar dando uma de professor de ninguém. Eu não estava curtindo mais a história. Se era para a gente continuar como Mutantes, era porque tinha uma filosofia por trás. De qualquer forma, muito material que foi gravado para aquele disco foi cortado, foi parar no lixo.

pZ - Então provavelmente apenas um pequeno percentual do material daquela fase acabou sendo lançado em disco?

SD - Certamente. Toda hora o repertório mudava. Saiu um pirata (N.R.: gravado em Londrina, em dezembro de 1974) há algum tempo atrás, da turnê do *Tudo Foi Feito Pelo Sol*, que tem umas duas músicas do disco, o resto é tudo inédito.

pZ - Aí a banda acabou e você começou com sua carreira solo...

SD - Isso, o disco com o meu nome. Tinha a participação de um monte de gente, Caetano, Gal, Marcio Montarroyos, 370 nomes... até o Paulo Coelho (risos). De lá pra cá eu fiz outras coisas, umas melhores e outras piores, algumas que deram errado, mas merda mesmo eu acho que nunca fiz, graças a Deus. Aí eu fui pros EUA, e aí já é outra história.

pZ - Retornando ao tema Mutantes, se você fosse hipoteticamente chamar algumas pessoas que tocaram com você no passado, para voltar a tocar aquele material, quem você chamaria? Com quem você se identificou mais, musicalmente falando?

SD - Se fosse simplesmente para tocar aquelas músicas, eu adoraria que fossem o Ruy (Motta, baterista), o Túlio (Mourão, tecladista), o Liminha (baixo)... o Pedro também (Antonio Pedro de Medeiros, baixista), ele é um cara de personalidade muito forte. O lance é que eu e o Liminha tivemos uma relação musical muito longa, profunda. Agora, pra tocar o material de outras épocas, aí a presença do Arnaldo seria essencial.

pZ - Em relação às suas influências como guitarrista, quem você poderia citar?

SD - O John McLaughlin me influenciou muito. Não tanto a guitarra em si... talvez o Shankar tenha me influenciado mais. Outra coisa que talvez tenha me influenciado muito foi que, conversando com o John, e a gente se encontrava esporadicamente, ele me explicou que tudo o que ele veio a tocar foi baseado no tipo de fraseado do Coltrane e do Charlie Parker. Ele traduziu o que eles tocavam no sax para a guitarra, o que é muito interessante pois gerou aquele jeito dele tocar, dos saltos harmônicos. Depois quem me influenciou dessa maneira foi o David Sanborn, que fez o mesmo a partir da gaita do Stevie Wonder. Isso me abriu um leque de possibilidades muito grande, pois agora quando eu toco guitarra, em especial em jazz, você vai notar que é como se fosse um trompete. Eu gosto muito do trompete e acredito que no meu estilo de tocar guitarra há muito do estilo de tocar trompete, em especial quando eu estou tocando jazz. No disco *Jazz Mania - Live* isso é bem evidente.

pZ - Alguma outra figura interessante que você tenha encontrado nos EUA, o Jaco Pastorius de repente?

SD - Uma vez só. Eu o encontrei no backstage, ele me mostrou seu baixo, contou a história toda dele. Nós estávamos tocando em Nova York, ele estava na platéia, subiu no palco e tocou conosco. Fizemos isso com um monte de gente boa.

pZ - Às vezes não é nem necessário que dois músicos toquem juntos para trocar experiências e sentimentos musicais, mas apenas conversar entre si?

SD - Olha, eu e o John (McLaughlin) nem conversávamos muito não, a gente simplesmente tocava. Uma coisa que o John me ensinou foi a permissão do erro. Porque não existe erro. Nós estávamos "conversando musicalmente", telepaticamente, após um show dele.

Ele pegou o banjo, eu peguei o violão, cada um saiu tocando o que queria e funcionou. Algo que não funcionaria se pré-concebido. É o lance do sentimento em confronto com algo mais de intelecto.

O medo e a insegurança te prendem a toda essa coisa de escalas, essa bobageira, que não tem nada a ver... O princípio essencial ao se fazer música é o sentir. É lógico que a técnica também é essencial, desde que ela não te controle.

pZ - De repente você teve a sorte de ter tido contato com pessoas de mentalidade mais aberta nesse aspecto.

SD - Eu acho que no fim das contas, na vida, você consegue o que você busca. Eu podia ter acreditado no que diversas pessoas me falaram, sobre a forma de se fazer música, mas eu segui os meus caminhos e troquei experiências com pessoas com quem eu tinha alguma afinidade. Eu dividi um apartamento com o L. Shankar e o Fernando Saunders. Eu poderia estar tocando no SOB's agora, com um monte de brazuca tocando bossa nova. Não foi o que aconteceu.

Eu mostrei o meu disco solo pro Deodato, ele ouviu e imediatamente me pediu para produzir quatro músicas pro disco dele. Cara, ele tinha 5 Grammys. Eu não tinha a menor idéia do que era aquilo.

Eu fiz um monte de cagada, um monte de besteira. Mas o que ele viu? O que ele viu foi algo que ele não tinha mais, um frescor musical. Hoje em dia eu compreendo isso. Agora, eu não tive sorte, eu trabalhei duro para que essas oportunidades aparecessem.

Eu tive a sorte, sim, de me deparar com as oportunidades que apareceram na minha vida, e, graças a Deus, eu estive à altura delas.

Rocha Sólida
1978 - 2006
28 anos de HaRd ROck
www.rochasolida.com
rochasolida@yahoo.com.br

Riva Rock Discos
Uma boa opção para quem procura - qualidade e variedade
Grande acervo de Cd's, Lp's, Vhs, Dvd's, Camisetas, Bandeiras, Moletons, etc. .
ROCK EM GERAL
TODAS AS ÉPOCAS E ESTILOS
E também JAZZ, REGGAE, BLUES, BLACK MUSIC (nac/int), MB (Música Brasileira)
www.rivarock.com.br
RUA LUZITANA, 1498
CENTRO F:(19) 3237-4945
CAMPINAS - SP- BRASIL

METAL
www.metalcd.com.br
metalcds@terra.com.br
CD's - DVD's - LP's
VHS - CAMISETAS
Fone: (11) 4994-7565
Fax: (11) 4436-5500
Atendemos pelo correio para todo o país
Rua Dona Elisa Flaquer, 184
Centro - Santo André - SP

Born Again - the Gillan Years

Desde o início, o Black Sabbath fez questão de ser uma banda pesada, tanto na temática das letras como na capa dos discos, no visual dos seus integrantes e principalmente na guitarra distorcida de Tony Iommi.
Se 'peso' sempre foi a característica principal da banda, então o trabalho que mais tem a cara do grupo logicamente só pode ser o seu disco mais pesado. E no assunto 'peso', *Born Again* é medalha de ouro fácil...

As opiniões ainda divergem bastante quanto a essa reunião de Gillan com o Sabbath: uns amam, alguns odeiam e outros simplesmente acham curioso. Passados mais de 20 anos dessa inusitada reunião, a pZ passa a limpo esse importante período na carreira do glorioso Black Sabbath.

Você que já passou dos 30, pode ir se lembrando do clipe de "Trashed" no saudoso e lendário Som Pop, da alegria em comprar esse LP que estava na vitrine da loja, de acompanhar as letras no encarte, de ficar com o ouvido apitando com os solos de Iommi e os gritos ensurdecedores de Gillan.

"Born Again é o disco mais mal produzido da história! Quem puder ouvir as versões originais de 'Trashed' ou 'Disturbing The Priest' vai sacar a diferença. Infelizmente, Geezer Butler tomou posse na pós-produção do álbum e deixou tudo extremamente grave e abafado, praticamente impossível de se ouvir."
Ian Gillan – Raw Magazine (1990)

A época era de crise no velho Sabbath

O ano de 1982 foi bastante conturbado na carreira do Sabbath. Os problemas entre Ronnie James Dio e Tony Iommi começaram a ficar críticos durante a mixagem do disco *Live Evil*. Esse seria, então, o primeiro disco ao vivo lançado com pleno aval do grupo (o *Live at Last*, de 1980, foi uma trapaça do antigo empresário da banda) Para piorar essa crise interna, Ozzy Osbourne ficou indignado ao saber que sua antiga banda estava lançando um álbum ao vivo com músicas da época em que ele ainda era o vocalista Sua resposta veio com o nome de *Speak of The Devil* onde o ex-vocalista desfilava, também em formato "live", somente clássicos de sua época com o Black Sabbath. Além disso, ambos os lados se atacavam na imprensa, sendo que o disco ao vivo do Sabbath causava uma expectativa grandiosa nos fãs e críticos da época. Muitos passavam a alegar que Iommi e Butler deveriam mudar o nome da banda, já que Ozzy não estava mais com eles. E na batalha dos "live albuns", Ozzy saiu ganhando, pois o seu registro teve muito mais repercussão e alcançou ótimas vendas, bem maiores do que as de sua ex-banda.

Toda essa tensão acabou afetando os membros do Sabbath, que passaram a ter seus egos cada vez mais inflados durante a mixagem final do tão esperado disco ao vivo A verdade é que Dio e Vinnie Appice apareciam no estúdio de madrugada e aumentavam a voz na mixagem, para que ela se sobressaísse perante os instrumentos. Era só o baixinho sair do estúdio que Iommi e Geezer pintavam na manhã seguinte e faziam o mesmo com a guitarra, criando uma situação constrangedora

É lógico que a corda estourou do lado mais frágil, pois Iommi sempre foi o "manda-chuva" do Sabbath e acabou sobrando para Dio, que levou um belo pé na bunda. Para não deixar barato, o vocalista ainda arrastou consigo o batera Vinnie Appice (Nessa época os dois já vinham compondo material para o que viria a ser a estréia da banda Dio com o álbum *Holy Diver*). A última vez que essa formação do Sabbath subiu no palco foi em Poplar Creek, Illinois, no dia 30 de agosto de 1982. (Em 1992 esse line-up voltou a se reunir, gravando mais um álbum e excursionando pelo mundo).

O Sabbath se via então sem vocalista e sem baterista, justamente numa época em que o Heavy Metal era grande no mundo inteiro novamente – graças à explosão do Metal Britânico com a New Wave Of British Heavy Metal. Era o auge de bandas como o Motorhead, Iron Maiden, Saxon, Venom e Def Leppard. O atraente mercado norte americano também estava ávido por bandas pesadas

Ronnie James Dio sacou exatamente essa carência do publico norte-americano e passou a trabalhar arduamente para conquistar esse mercado milionário.

Com o lançamento do excelente *Holy Diver*, Dio se adaptava à nova cena do Heavy Metal e arrastava consigo muitos fãs do Black Sabbath que encaravam *Holy Diver* como a continuidade do trabalho que Dio vinha fazendo com o Black Sabbath

A banda inglesa, por sua vez, precisava urgentemente renascer das próprias cinzas, de preferência mais pesada do que nunca. Precisava também conquistar uma nova geração sedenta por Heavy Metal, e essa passou a ser a meta dali em diante.

Agora eles tinham dois ex-vocalistas se dando bem nas paradas e nos concertos ao redor do mundo. Quem seria capaz de resgatar o Sabbath e trazer a banda para o ringue novamente?

Somente um grande vocalista e frontman seria capaz de tamanha façanha

Antes de qualquer surpresa desagradável com um novo músico, e também como resposta à saída de Vinnie Appice, Iommi convocou novamente Bill Ward para a bateria. O trio original estava reunido, e contava também com o tecladista Geoff Nicholls.

Precisa-se de um frontman

Algumas audições começaram a ser agendadas semanalmente, com o nobre intuito de arrumar às pressas um novo frontman. Depois de uma infinidade de nomes desconhecidos, apenas Nicky Moore e John Sloman causaram uma boa impressão no grupo. O primeiro estava no Samson, onde havia substituído Bruce Dickinson que partira para o Maiden O segundo vinha do Lone Star e de uma passagem pelo Urlah Heep, onde gravou apenas o álbum *Conquest*

Só como curiosidade: quem chegou a enviar tapes para marcar uma audição com o Sabbath nessa época foi o 'babeiro' Michael Bolton! Já imaginou o cara cantando a música "Black Sabbath"? Ainda bem que ele nem chegou a ser cogitado para o posto!

Tony Iommi queria mesmo David Coverdale como vocalista de sua banda. A admiração do guitarrista pelo vocalista do Whitesnake nunca foi segredo e nessa época eles chegaram até a se encontrar no famoso clube The Rainbow, onde falaram sobre formar uma nova banda. Cozy Powell também estava presente e se mostrou bem animado com o projeto que só não veio realmente a acontecer por causa da agenda conturbada do Whitesnake na época.

Uma declaração de Iommi no Tourbook do disco *Born Again*: "Bill estava OK para voltar e tocar com a gente, porém, a condição de arrumar um novo vocalista era muito complicada. Depois de alguns testes com alguns candidatos, o nome de Ian Gillan veio à tona, e, nesse exato instante, eu trocei olhares e sorrisos com Geezer Como não tínhamos pensado nisso antes! Conhecíamos Gillan há um bom tempo e sabíamos perfeitamente que seu estilo vocal seria perfeito para a gente"!

Gillan estava falido, cheio de dívidas e tinha acabado de "implodir" sua banda Gillan, que havia lançado uma série de discos pesados e excelentes que, infelizmente, não venderam nada

Lá se iam quase 10 anos de sua debandada do Deep Purple e não precisa nem dizer que ele estava salivando por turnês grandiosas, grana, groupies, fama, enfim - tudo aquilo que costuma acompanhar os grandes nomes do Rock N' Roll.

Reza a lenda que Ian Gillan jogou uma caixa com 25 discos de sua janela quando ouviu a mixagem final do LP e se deparou com a capa de Born Again.

Naquela virada de 1982 para 1983 já era bastante comentada uma volta do Deep Purple com a formação clássica da Mark II (com Gillan, Glover, Paice, Lord e Blackmore). Como o Rainbow de Blackmore (que nessa época contava com Glover no baixo) tinha uma série de compromissos e contratos a serem cumpridos, a reunião acabou ficando na geladeira por mais um ano. Gillan estava livre para encarar qualquer parada.

Cervejada

No começo do ano, Gillan recebe uma ligação de Iommi convidando-o para uma cerveja num Pub chamado The Bear, em Oxford, cidade que ficava entre Reading (onde Gillan morava) e Birminghan (onde Iommi e Butler moravam). Gillan chegou de mau humor, pois havia encarado uma tempestade de neve na estrada, atropelando, ainda, um alce! Chegou no bar com o carro quase que num formato de "L" e foi logo alvo de gozações por parte de Iommi.

Gillan, Iommi e Geezer perceberam de cara naquele casual encontro no boteco (oops, desculpe, Pub), que tinham algo em comum. os caras simplesmente viravam todas, eram bebuns natos e depois de muito álcool (alguns dizem que esse 'papo-bebedeira' durou 12 horas!) surge a idéia de Gillan ser o então novo vocalista do Black Sabbath. Quem explicou foi o próprio vocalista no jornal inglês Sounds: "Falar desse nosso encontro no bar é algo complicado de se lembrar. Nós bebemos tanto que alguém precisou me levar pra casa e no dia seguinte a primeira ligação que eu recebi foi do meu manager, completamente furioso.

Ele dizia que eu estava tomando decisões importantes na minha carreira sem sequer consultá-lo. Eu não fazia a mínima idéia do que aquele cara estava falando! Até que ele me indagou sobre que negócio é esse de eu ser o novo vocalista do Black Sabbath! Eu sequer tinha saído da minha cama e um cara da imprensa já estava ligando para o meu manager para confirmar a notícia!"

Anos depois, o próprio Gillan declarou que sua entrada no Sabbath foi um "acidente", algo precipitado, fruto de uma decisão não muito pensada. (Realmente é bem difícil pensar quando se está de "cara cheia").

Eca! *A grotesca capa de Born Again...*

por Steve 'Krusher' Joule

"A capa do Born Again foi concebida debaixo de circunstâncias no mínimo curiosas.

Basicamente o que aconteceu foi que Sharon e Ozzy quebraram o pau feio com o pai de Sharon, Don Arden, que era empresario de Ozzy e dono do selo que ele gravava. Arden decidiu então que iria se vingar de Sharon e Ozzy fazendo com que o Black Sabbath (que ele também empresariava) se tornasse novamente a maior banda de Heavy Metal do planeta, como eram conhecidos nos anos 70.

Foi Arden que recrutou Ian Gillan para os vocais e conseguiu trazer Bill Ward de volta para a bateria. Ele tentava 'roubar' todo o staff que trabalhava com Ozzy! E como eu fazia as capas de Ozzy na época, acabei sendo muito pressionado por Arden para fazer a capa do então novo álbum do Sabbath.

Como eu não queria perder meu prestígio com Ozzy, pensei que a melhor maneira de escapar da situação seria entregando um trabalho ridículo e óbvio para Arden e o pessoal do Sabbath recusar logo de cara...Entreguei quatro versões da capa para eles darem uma olhada, sendo uma delas essa do bebê que na verdade foi baseada na primeira foto de um bebê que eu achei na minha casa. Era uma foto de capa de uma revista (Mind Alive) dos meus pais. Eu tirei várias cópias daquela imagem e fui sobrepondo todas elas. Desenhei as unhas, os chifres e os dentes e usei a pior combinação de cores possível!

Mostrei a arte para Arden, Iommi e Geezer, que, para o meu desespero, adoraram o desenho!

Me ofereceram o triplo de grana que eu ganhava com Ozzy. Fiquei encarregado de toda a parte gráfica: a capa, a contra capa e o encarte, que trazia todas as letras escritas à mão!

Quando imprimiram as primeiras provas da capa de *Born Again*, Don Arden mandou umas cópias de presente para sua filha Sharon, que estava no hospital tendo sua primeira filha com Ozzy! Sharon ficou furiosa pois Arden começou a chamar o bebê da capa de *Born Again* de Aimee, não por acaso o nome de sua netinha..."

Acima: a capa original do disco Born Again e a revista Mind Alive, que serviu de inspiração para o desenhista Steve "Krusher" Joule, posando na foto à esquerda.

A imprensa britânica começou a demonstrar certo receio com essa nova versão do Black Sabbath. Afinal, havia seis meses que Gillan não cantava devido a um problema com nódulos em suas cordas vocais e a uma operação de remoção das amídalas. Além disso, ele cantaria sobre bruxas, magia negra e demônios? Ele se vestiria de preto e passaria a usar um crucifixo?

Apesar do vocalista não ter muito o estilo do Sabbath tradicional, tudo pareceu ser uma ótima ideia para ambas as partes na época.

A imprensa chegou até a cogitar que a banda mudaria seu nome para Deep Sabbath ou Black Purple, o que na realidade não passou de uma brincadeira

Gillan garante que foi convidado para integrar o Black Sabbath, já Geezer e Geoff Nicholls defendem a versão de que o empresário Don Arden foi quem fez questão de manter o nome original, pois, se dependesse da banda, um novo nome seria adotado e um novo "supergrupo" criado. "Como aquela banda seria o Black Sabbath se Ian Gillan estava agora no posto de vocalista?" Essa era uma questão que rondava a cabeça de Geoff Nicholls

Gozação pra cima do novo vocalista

Os três membros originais do Sabbath e seu novo vocalista se trancam no Manor Estúdio, localizado dentro de um castelo no interior da Inglaterra.

A banda passaria um bom tempo por lá, então ficou de comum acordo que todos se mudariam, pelo menos por algumas semanas, para o local

Ian Gillan, por uma razão até hoje desconhecida, resolve que não vai dormir debaixo do mesmo teto que os outros três (será que ele temia algum ritual liderado pelo Geezer, o membro do Sabbath mais ligado nas temidas ciências ocultas?)

O vocalista levou duas barracas e acampou nos jardins do castelo. Uma abrigou o próprio e outra os seus pertences (desde comida até tacos de golfe!). Isso bastou para o ex-integrante do Deep Purple ser motivo de muita gozação e de brincadeiras por parte de Butler, Iommi e Ward

Uma bela noite, Gillan foi dar uma volta pela redondeza e nesse meio tempo, seus companheiros de banda 'minaram' o jardim do castelo com bombas, que foram detonadas na seqüência. Quando Gillan voltou, sua barraca estava em pedaços e seus pertences espalhados pelo gramado esburacado. Furioso, ele foi tirar satisfação com pessoal, que, na cara dura, inventou um papo de que aqueles buracos eram obra das raposas que rondavam o castelo. Era também muito comum, no meio da noite, fogos de artifício serem disparados em direção às barracas do novo integrante da banda

Poucos dias depois, uma partida de futebol foi agendada com toda a equipe do Sabbath. A bola foi 'recheada' com bombas e fogos sem que Gillan soubesse. Bastou o vocalista dar um chute que as gargalhadas começaram

O clima esquentou tanto que Gillan ia para o estúdio gravar suas partes vocais separado do resto do pessoal

Set List básico da tour de 1983

- Children of the Grave
- Hot Line
- War Pigs
- Disturbing the Priest
- Supernaut
- Drum Solo
- Rock N' Roll Doctor
- Iron Man
- Zero the Hero
- Heaven and Hell
- Guitar Solo
- Digital Bitch
- Black Sabbath
- Smoke on the Water
- Paranoid

Em alguns shows a banda chegou a tocar também 'Keep It Warm', 'Born Again', 'Neon Knights' e um trecho de 'Apache' dos Shadows

O renascimento

Born Again foi lançado em 7 de agosto de 1983 e foi direto para o 4º posto da parada britânica, mérito que eles não alcançavam desde o *Sabbath Bloody Sabbath* lançado a exatos dez anos antes. O disco tinha uma gravação bem estranha, o som é propositalmente abafado, com a guitarra de Iommi soando meio "estourada" e estridente. O próprio já declarou que simplesmente odeia o álbum: "Fomos obrigados a gravar o disco com os amplificadores estourados, eles foram danificados durante as gravações e ninguém percebeu!"

Gillan, por sua vez, simplesmente arregaçou. Com uma atuação impressionante, cantou como nunca, literalmente colocando os miolos pra fora em cada canção. Agudos desesperados e vocais matadores, tanto que ao vivo o vocalista nunca conseguiu repetir a performance do disco. Essa excelente atuação do "Silver Voice" deixou seus ex-companheiros de Gillan Band muito putos. Afinal de contas, um dos principais motivos para Gillan acabar com sua própria banda, foi uma alegação de um grave problema em suas cordas vocais, o que realmente aconteceu, mas funcionou mesmo como uma desculpa, pois Gillan estava levando muitos prejuízos com seu projeto e sua entrada para o Sabbath certamente aliviaria suas dívidas.

Se esses problemas vocais fossem tão sérios assim, como ele cantou daquele jeito no *Born Again*?

Ouvindo o álbum, a abertura com "Trashed" era pau puro. Vigorosa e empolgante, chegando até a merecer um clip hilário, tipo 'A volta dos Mortos Vivos' "Disturbing the Priest" era de assustar, pesadíssima, harmonias de guitarra dissonantes, berros endiabrados e letra diabólica – tudo o que o Sabbath precisava nesse novo e difícil parto. Outro clip promocional foi rodado para "Zero the Hero", que também é um ponto alto do disco, com seu riff super plagiado (até pelo Guns N' Roses em "Paradise City"). Mais pancadaria em "Digital Bitch" e "Hot Line", e uma pequena obra prima - a linda balada "Born Again", cheia de clima e emoção - uma das melhores composições da banda. Uma música ficou de fora, "The Fallen", que hoje pode ser facilmente baixada em MP3 pela Internet. (Por qual razão essa música ficou de fora do relançamento do *Born Again* em CD pela Castle? Cairia bem como bonus track!). Boatos dão conta ainda que além de "The Fallen", a banda chegou a compor e gravar mais cinco faixas que não foram utilizadas, sendo uma delas "Death Warmed Up"

Já a capa é de extremo mau gosto, causando repulsa até hoje. Ela foi desenhada por Steve "Krusher" Joule, que na época fazia as capas dos discos de Ozzy e ilustrações para a revista Kerrang (ver box). Ele ofereceu a capa para Tony Iommi, crente que o guitarrista recusaria a arte. Ledo engano, pois Iommi adorou o desenho, ao contrário de Gillan que declarou posteriormente, "Quando eu vi aquela capa fiquei com vontade de vomitar! Assim como quando ouvi a mixagem final do disco"

A tour de promoção

Gillan de início não queria se vestir de couro, nem de roupa preta. Muito menos ostentar enormes crucifixos como o restante da banda sempre fez. Com a tour se aproximando, o vocalista percebeu que tudo isso era bobagem e que ele poderia se apresentar do seu próprio jeito, como lhe era de costume

A Tour de promoção teve mais baixos do que altos e durou de agosto de 1983 até março de 1984. Para começar, Bill Ward estava totalmente impossibilitado de sair em turnê. Sua saúde piorava cada vez mais e o cara estava sem pique para fazer um show inteiro com o Sabbath na época. Dizem as más línguas, que ele até usou a ajuda de uma bateria eletrônica durante a gravação do disco. Para os shows, Bev Bevan, o experiente baterista do Electric Light Orchestra, foi convocado. A tour começou pela Escandinávia em agosto e depois passou pela Irlanda, Espanha, Alemanha, Suíça, Bélgica e Holanda. Na França, um dos shows precisou ser cancelado, pois uma tempestade destruiu o local onde o Sabbath iria se apresentar

Repertório e o Reading Festival

O repertório trazia além de algumas faixas do então lançamento, clássicos da era Ozzy, que há muito tempo eles não faziam ao vivo – como "Supernaut" e "Rock N' Roll Doctor" Da era Dio somente um trecho de "Heaven and Hell" era executado (no fim da tour, eles acabaram incluindo "Neon Knights" também). A surpresa ficava para a "encore" dos shows, onde o Sabbath detonava "Smoke on The Water", do Deep Purple, uma banda que chegou a rivalizar com o próprio Sabbath no início dos anos 70 pela liderança do rock Pesado mundial Ainda bem que eles decidiram não colocar nada do ELO no repertório! Nada contra o supergrupo de Jeff Lynne, mas já pensou o Sabbath tocando "Living Thing" ou "Last Tram to London"?

O show mais importante daquela tour foi sem dúvida o do festival de Reading, na Inglaterra, onde o Sabbath foi o headliner da principal noite do festival. O Thin Lizzy também estava tocando no Reading, inclusive fazendo seu show de despedida em solo inglês. Outras bandas que se apresentaram naquele Reading: Ten Years After, Suzy Quatro, Stevie Ray Vaughan e Marillion.

O show impressionou os presentes e até virou um belo bootleg, pois foi transmitido ao vivo, via rádio, para toda a Inglaterra.

Problemas na América do Norte

A tour norte-americana começou em outubro com tudo dando errado. O primeiro show no Canadá, em New Brunswick precisou ser cancelado devido ao cenário gigantesco, que não passava nem na porta do local do show A segunda data, em Nova Scotia, foi também cancelada, pois o palco e os equipamentos foram parar em outra cidade! A coisa só melhorou com o grande show que eles deram no Montreal Forum. Desse show foram extraídas algumas daquelas imagens usadas nos clipes de "Trashed" e "Zero The Hero"

O empresário Don Arden (pai de Sharon, esposa de Ozzy) alugou por uma semana o Maple Leaf Gardens, em Toronto, Canadá, para a banda ensaiar com todo equipamento o repertório da tour O local não suporta as dimensões absurdas do palco Stonehenge, então apenas uma parte dele é utilizada (Gillan confessou depois que eles usaram esse palco em apenas dois ou três shows da tour).

O empresário preparou uma abertura simplesmente ridícula para o show do Sabbath Durante a tradicional introdução de "Supertzar", um anão vestido como o bebê da capa do disco aparecia no topo das colunas do palco Stonehenge! Enquanto rolava essa encenação, os PAs emitiam um choro de bebê pré gravado, que ficava se repetindo continuamente. Quando o choro parava de ser emitido das torres, sinos ecoavam e os roadies entravam no palco vestidos de druidas, fazendo uma encenação. Nisso, o anão se atirava lá de cima e caía em uma rede colocada atrás do cenário. Um belo dia, um grito desesperador ecoou do fundo do palco: era o anão que havia despencado lá de cima e se encontrava estatelado no chão, pois os druidas haviam se esquecido da rede!

A banda era completamente contra essa palhaçada, porém Don Arden insistiu muito para que tudo isso rolasse. Sorte de Ian Gillan, que deu umas boas gargalhadas com o fato

A banda continuou pelos EUA onde fizeram cerca de 50 shows pelo país. O último aconteceu no Springfield Civic Center, em 04 de março de 1984

O inevitável

Infelizmente, essa encarnação do Sabbath não foi muito longe e logo tudo estava acabado, com Gillan voltando para o Deep Purple e gravando o disco *Perfect Strangers*.

Os fãs do vocalista costumam dizer que nos shows com o Sabbath ele berrou tanto que em menos de um ano acabou com sua voz, não sobrando quase nada do antigo Gillan nos shows da turnê do *Perfect Strangers*.

Born Again é considerado uma baixa na carreira do Sabbath por fãs e crítica do mundo inteiro Tanto Gillan, como Iommi e Geezer sempre malharam o disco durante todos esses anos No Brasil eu sinto que o álbum é adorado por fãs de diversas idades e desde o seu lançamento ele conquistou muitos seguidores.

Recentemente, Gillan declarou no seu site oficial que passou um tempo de suas férias revirando antigas gravações em fita K-7 e achou uma gravação com uma mixagem diferente do *Born Again* (aquela que ele sempre se referiu como 'a definitiva'). Na mesma fita, Gillan se deparou com alguns trechos instrumentais pouco trabalhados e admitiu que *Born Again* soa agora como um álbum especial para ele.

O ápice desse 'revival' do *Born Again* aconteceu ano passado, quando Gillan surpreendentemente regravou "Trashed" para seu disco *Gillan's Inn*; uma comemoração dos seus 40 anos de carreira musical. Prova de que sua fase com uma das bandas mais pesadas do planeta não foi tão ruim assim, como ele mesmo afirmou por todos esses anos, pelo contrário, deixou saudades por durar tão pouco e por deixar apenas um único, e excelente álbum, como lembrança

Curiosidades

Iommi queria agradar Bev Bevan de alguma maneira. Quando recrutou o batera do ELO, o guitarrista sugeriu que o Sabbath tocasse nos shows pelo menos uma música da antiga banda do baterista Chegaram a ensaiar "Evil Woman" (hit do ELO não aquela do The Crow regravada no primeiro disco do Sabbath) porém o resultado foi desastroso! Outras músicas que a banda chegou a ensaiar com Gillan nos vocais foram "Tomorrow's Dream" e "Never Say Die"

Papo com Ian Gillan publicado na revista finlandesa Sound , em setembro de 1983.
Repórter (se dirigindo a Gillan) "Quando eu entrevistei David Coverdale, ele falou que você era um ótimo companheiro de bebedeira, mas ao mesmo tempo era triste ver você se juntando ao Black Sabbath "
Ian Gillan. "Coverdale disse isso? Ele gosta é de ferrar com as pessoas! Eu não conheço ninguém nesse mundo que goste desse sujeito...talvez nem a mãe dele ."
Reporter "E o que você acha dos discos antigos do Black Sabbath?"
Gillan "Eu não sei Nunca ouvi nenhum deles"

Apesar de serem contemporâneos, Gillan nunca havia se encontrado com Iommi e Geezer antes de 1983. "Até hoje eu não sei porque não tínhamos criado um laço de amizade. Em todos esses anos eu encontrei com o Sabbath na estrada somente uma vez quando estávamos em Frankfurt, em 1976 Na ocasião eu só conversei com Ozzy O Purple e o Sabbath eram rivais mas gostávamos uns dos outros. Competíamos de forma amigável."

Geezer Butler teve a magnífica idéia de trazer para o palco da tour do *Born Again* uma réplica de Stonehenge. O baixista exigiu que o cenário fosse em tamanho natural Resultado quase nenhuma arena que o Sabbath passou por aquela tour suportava o tamanho gigantesco do cenário Mesmo nos palcos gigantes, como o do festival de Reading, a banda se esprimia para executar as canções, graças ao Stonehenge de Geezer que ocupava quase todo espaço do palco Esse episódio inspirou uma gozação no filme *This Is Spinal Tap*.

Gillan na revista Mojo (1994) "Eu não conseguia decorar nenhuma letra das músicas antigas do Sabbath então eu escrevi as primeiras linhas das letras em um caderno e fiquei treinando na cozinha da minha casa como eu iria virar as páginas com os pés Fácil! No show lá estava eu com meu caderno quando uma densa e forte nuvem de gelo seco pairou sobre o chão do palco logo no começo da apresentação La estava eu de joelhos, abanando a nuvem com a mão e tentando ler as letras. Quando eu levanto a cabeça, um sujeito gritou da platéia "E Ronnie Dio "

Jeronimo

Apesar do grupo se chamar Jeronimo e a capa de seu disco mais conhecido estampar um índio mexicano, a banda vinha da Alemanha!

O grupo foi formado na segunda metade dos anos 60 e desde o início fazia um Hard Rock tosco, pesado e balançado. Em 1969 a banda começa a ter uma forte projeção graças aos compactos de "Heya" e "Na-na-hey-hey", dois hits nas paradas européias.

Um fato curioso é que a primeira aparição do Jerônimo em LP foi em uma coletânea chamada *Spiritus Orgaszmus*, onde eles dividem a bolacha com o Creedence Clearwater Revival! Cada grupo ficou com um lado do elepê, que foi lançado pela Bellaphon. Raríssimo nos dias atuais, a bolacha foi prensada em vinil rosa e vinha com um pôster gigante.

O Jeronimo se estabeleceu como um poderoso power-trio em 1970, contando com a formação de Ringo Funk na bateria e vocais, Michael Koch nas guitarras e Gunnar Schäfer no baixo. Abrem os shows do Steppenwolf pela Alemanha e ganham reputação suficiente para lançar seu primeiro registro: *Cosmic Blues*, que nada mais era do que uma compilação dos singles já lançados e algum material arquivado pelo grupo.

O Jeronimo ia roubando a cena dos festivais por onde passava. O delírio começa no Progressive Pop Festival, realizado em Cologne, na Alemanha, onde eles tocam ao lado do The Nice, The Kinks, Golden Earring e Deep Purple.

O cartaz do festival causou muita polêmica na época. Um freak aparecia peladão com uma pancada de 'baseados' presos no seu cabelo!

Em 1971, o grupo lança *Jeronimo*, trazendo um índio na capa e canções clássicas como "Sunday's Child", "Silence Of The Night" e "Shades". Esse álbum se tornou através dos anos um dos mais procurados e raros discos de Hard do mundo. Por uma razão até hoje desconhecida, foram prensadas pouquíssimas cópias na época, o que colabora para o preço exorbitante de uma cópia original do álbum.

O 'disco do índio' é considerado por muitos o primeiro LP da banda pelo simples fato deles terem achado seu caminho musical. Hard sem frescura, solo visceral de batera (como os gigantes do Hard faziam na época - Cream, Led, Grand Funk, Cactus, etc.), boogie, blues pesadão e até metais! Sonzeira!

Na tour de promoção, o grupo participa de um show beneficiente da Unicef transmitido para o mundo todo pela TV. No embalo gravam participações nos programas "Hits A Gogo", "Beat Club" e "Bananas". Isso ajudava a banda a espalhar o Hard Rock pela Alemanha, já que o estilo predominante era o Kraut Rock e o Progressivo.

No ano seguinte (1972), a banda abandona o selo Bellaphon e parte para o igualmente lendário Bacillus Records, de propriedade de Peter Hauke. De casa nova lançam *Time Ride*, que se não tinha o impacto e a jovialidade do anterior, pelo menos trazia a banda trilhando por caminhos ligeiramente mais progressivos.

O álbum misteriosamente foi lançado no Brasil pelo selo Sábado Som, junto com mais uma leva de bandas alemãs, fazendo a alegria do pessoal 'ligadão' da época. Colecionadores mais antigos juram que viam *Time Ride* jogado pelos cantos dos sebos e das [illegible] de disco [illegible] em dia ele vale uma [illegible] muito comercial [illegible] pela internet com colecionadores do mundo [illegible] afinal de contas, ele [illegible] foi lançado em [illegible] poucos países e [illegible], felizmente [illegible] deles.

Com o [illegible] submo [illegible] cada vez mais no [illegible] dos anos, Ringo Funk termina com a banda e se manda para o Atlantis, em 1973 (que bela pedida para essa seção, hein?).

Tendo os seus três álbuns já lançados em formato digital através dos anos, foi somente em 2000 que Ringo conseguiu os direitos sobre sua música ao lado do Jeronimo. Em 2002 ele se [illegible] tanto que relançou pelo seu próprio selo os três discos de estúdio e mais uma coletânea da banda. Todos com atraentes faixas extras.

A banda continua em atividade tocando pela Europa [illegible] trocamos alguns e-mails com Ringo que se [illegible] gou com a possibilidade de trazer o Jeronimo para tocar no Brasil! Alguém se habilita? Pode ser [illegible] boa, pois os mais [illegible] lembram [illegible] "Sunday's Child" executada com [illegible] frequência nos bons tempos da Rádio K [illegible] FM [illegible] São Paulo.

Os três álbuns oficiais do Jeronimo! Mais acima o trio nos anos 70

CAPTAIN TRIPS
João Pacheco
Rock dos anos 60, 70, e 80
jmcpacheco@hotmail.com
CD's & LP's / Compra - Venda - Troca
Todos os sábados das 09:00 às 18:00 hs
Pça. Benedito Calixto (rua dos discos) - Pinheiros
(entre a Cardeal e a Teodoro) - São Paulo - SP

Diaz LPs
Raridades do mundo da música
ROCK anos [illegible] 70 - BOSSA NOVA
SOUL MUSIC - [illegible] - JAZZ ROCK etc.
Compra - Venda - Troca
Todos os sábados [illegible] 00 às 18 00 hs - Fone: (11) 9730 5752
Pça. Benedito [illegible] dos discos) - Pinheiros
São Paulo - SP - [illegible]

Pedra

Sólido e de fácil assimilação...

É muito comum, principalmente no Brasil, os críticos de música logo rotularem uma nova banda. Pior que isso é o pessoal ficar buscando comparações do tipo "a guitarra parece com aquele grupo, a voz parece esse aqui, a capa é semelhante a aquela lá"... Bobeira.

Para apresentar o trabalho da banda Pedra, fiz uma espécie de 'pacto pessoal': ouvi o álbum sem tentar conectá-lo com nenhuma banda do passado. O legal é curtir o som dessa nova banda olhando para o futuro, onde todos lutaremos para garantir nosso lugar.

A Pedra é formada por Rodrigo Hid (Guitarra, Piano, Teclados e Voz), Xando Zupo (Guitarra e Voz), Luiz Domingues (Baixo e Voz) e Alex Soares (Batera e Voz) e estão lançando seu primeiro álbum, *Pedra*, pelo selo Amellis Records, com distribuição da Tratore.

O bacana da sonoridade do pessoal é não ficar preso a um estilo determinado. Na 'vitrola' dessa turma rola rock, soul, MPB e funk.

"O nosso som é popular, cantado em português, acessível à todas as classes", declara Rodrigo, apostando nas capacidades radiofônicas e televisivas de sua nova banda. Televisiva sim, pois a Pedra está com o clipe de "O Dito Popular" rodando nos canais Multishow, GNT e MTV. O clipe foi rodado em película de 16 mm e capricha na fotografia.

Outro lance curioso é o nome do grupo, quem explica é o Xando: "A gente queria um nome simples e que fosse em Português. Pedra é um nome literalmente sólido, curto e de fácil assimilação. Dá uma idéia de união entre a banda e também dá margem a pura viagem. Pedra você atira para atacar, pra se defender, você toma pra tirar ou pra dar dor de cabeça (risos)."

Musicalmente o disco surpreende pelas composições e pela agradável sonoridade, cortesia do produtor Renato Carneiro, que registrou as sessions da rapazeada no Overdrive Studios, aqui em São Paulo.

O pessoal está preparado para cair na estrada como garante o baixista Luiz Domingues: "Vamos tocar o nosso disco na íntegra nos shows e estamos estudando a possibilidade de fazer algumas releituras para clássicos do rock e da MPB".

Ouvindo o álbum, comento que a banda está pronta para estourar e Xando faz uma observação interessante: "Uma vez eu ouvi um comentário do Ritchie Blackmore onde ele deixava bem claro a diferença entre ter sucesso e ser famoso. Pra ser famoso basta você estar na moda. Agora, pra ter sucesso na sua profissão é outra história. Você precisa ser um bom músico, um bom compositor e ter seu trabalho reconhecido por todos. É isso que nós queremos".

Para saber mais: www.pedraonline.com.br

Pedra – Pedra (Amellis Records/ Tratore)

A banda Pedra chega ao seu primeiro registro em um astral especial. Músicos experientes, porém com o vigor que somente uma estréia pode proporcionar. Esse vigor fica claro em "Sou Mais Feliz", "Se Agora Eu Pulo Fora", "O Dito Popular", "Madalena do Rock N' Roll" e o rockaço de "O Galo Já Cantou".

"Amanhã de Sonho" tem cara de hit radiofônico, assim como a bela "Pra Sempre". "Reflexo Inverso" é talvez a mais poderosa composição do álbum, climática e bem executada. Compre o álbum e vá lapidando-o a cada audição, pois a Pedra é preciosa!

RASCAL CAT
MUSIC STORE

Rock, Progressivo

Hard-Metal

Blues, Jazz

Black Music e MPB

www.rascalcatcds.com.br

Seboland
Compra e Venda
LP's e CD's Usados
Enviamos para todo o Brasil via correio
Av. Inconfidência Mineira, 1390 - fone: (11) 3455-5667
Vila Carrão - São Paulo - SP

COMPRA VENDA TROCA IMPORTADOS NACIONAIS INDEPENDENTES
www.sensorialdiscos.com.br
(11) 3333 1914
Galeria Presidente
24 de Maio 116
Rua Alta Loja 7 São Paulo SP 01041-000
SENSORIAL DISCOS
DVDs Camisetas CDs
FOLK ELECTRONIC GUITAR INDIE POP JAZZ ROCK
Enviamos CDs para todo Brasil

Hard Road Rock
CD'S - DVD'S
Camisetas - Bandeiras
e Acessórios
COMPRE COM QUEM REALMENTE ENTENDE DE ROCK
Av. Guarda Mor Lobo Viana, 1224 - Centro - São Sebastião - SP
Fone: (12) 3892-3869 / hardroadrock@speedmax.com.br

Sonhos & Memórias
LPs - CDs - VHS - DVDs
Camisetas: Rock e Surf Wear
Importados - Raros - Fora de catálogo
fone: (11) 5072-1776
Av. Jabaquara, 973, loja 12 - Pça da Árvore - São Paulo - SP

APFEL
www.apfel.com.br
Restaurante Vegetariano
Centro: Rua Dóm José de Barros, 99
Esquina com a Barão de Itapetininga
Jardins: Rua Bela Cintra, 1343
Entre a Alameda Jaú e a Alameda Santos

CONFEITARIA SÃO GABRIEL
Bolos - Doces - Salgados
Aceitamos encomendas para festas !
3885-8878
3887-9319
3887-4886
Av. São Gabriel, 416 - Jd. Paulista

Dr. Rock
A serviço e apoio constante ao Rock
dr.rock@vivax.com.br
Santo André - SP

VENTANIA
www.ventania.com.br
COMPRA e VENDA
LP's - CD's - DVD's - Livros e Revistas
Rua 24 de Maio, 188 - 1ª sobreloja - Conjuntos 113/115/117
Fone: (11) 3222-6273 - Fax: (11) 3337-2807
São Paulo - SP

Å BÅRÅTÅ
O Melhor Portal de Rock, Cultura e Idéias do Brasil
LIBERDADE DE EXPRESSÃO E EXPRESSÃO DE LIBERDADE
BANDAS, BIOGRAFIAS, MP3
POESIAS, CONTOS, ENTREVISTAS
6 Anos!
Leia a Coluna do Poeira Zine em: www.abarata.com.br/colunas_poeira.asp

Laticínios Nossa Roça
Fone/Fax: (11) 4412-8567
Estrada Boa Vista, Km 9 - CX.P. 396
Cep 12940-000 - Atibaia - SP

D'Alegria
CUSTOM BASSES
A Choice For Life
Totalmente feitos à mão no Brasil, com madeiras brasileiras
Tel.: (21) 2522-7486
site: www.dalegria.com
e-mail: info@dalegria.com

O mais completo site de Rock!
http://whiplash.net
ATUALIZADO DIARIAMENTE
Confira a coluna da poeira Zine na Whiplash

Blue Sonic
Psicodélico
Hard Rock
Progressivo
Jazz Rock
www.bluesonic.com.br
Rua 7 de Abril, 154 - Rua Alta, Loja 37
São Paulo - SP - fone: (11) 3151-4524

"UMA VIAGEM DE VOLTA À ERA DE OURO DO HARD ROCK"
Blue Sonic
RUA 7 DE ABRIL, 154
RUA ALTA / LOJA 37
SÃO PAULO / SP - BRASIL
CEP 01044-000
(11) 3151-4524
E-MAIL: CAPTAINRAY@BOL.COM.BR
WWW.BLUESONIC.COM.BR
SUNFLOWER
A New Beginning...
GALERIA NOVA BARÃO - O NOVO ESPAÇO DO ROCK

Songbooks
Métodos
Vídeo-Aulas
DVDs
www.freenote.com.br
free note
Rua Teodoro Sampaio, 785 - Pinheiros
Fone:(11) 3085-4690 São Paulo - SP

O GARIMPO®
Restaurante
Bar & Choperia
De quinta a sábado as melhores bandas de Classic Rock na Choperia
Não perca a gravação, todas as quintas, do programa Kiss Club da Rádio Kiss FM (102,1)
Confira a programação completa no site www.ogarimpo.com
O Restaurante abre todos os dias a partir das 11:30 hs
Rua da Matriz, 136 - Centro Histórico - Embu das Artes - SP
Telefones: 11-4704-6344 / 11-4781-1215
e-mail: ogarimpo@uol.com.br - Site: www.ogarimpo.com

Sala com 24 m² - Gravações ao vivo ou canal - Produção musical - Spots - Locação
StudioLatitude
Rua Mauricio Francisco Klabin, 273 - Próximo ao metrô Vila Mariana - (11) 5083-3979
PRO TOOLS
WWW.STUDIOLATITUDE.COM.BR

nuvem nove

ANOS 50, 60 e 70

Hard Progressivo Psicodélico Metal

CDs LPs DVDs

COMPRA VENDA E TROCA

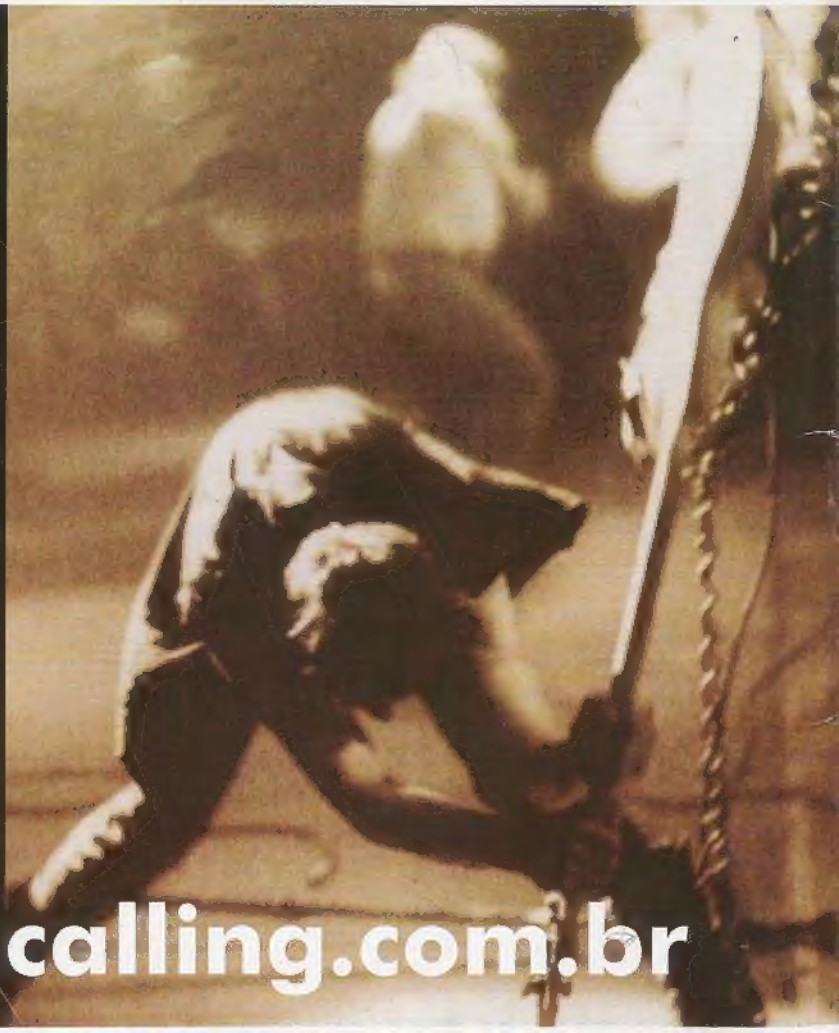
Rua Clodomiro Amazonas, 128 - Itaim Bibi - São Paulo - SP tel. (11) 3078-7051 www.nuvemnove.com.br

london calling

Cds, Singles e Dvds
Eua, Europa e Brasil
Raridades e Lançamentos
20 anos de Rock, Pop e Punk-Rock
Loja virtual com 300 mil itens
Vendas para todo Brasil

(0xx11) 3223-5300

Rua 24 de Maio, 116 - S/L 15 - São Paulo - SP



www.londoncalling.com.br